

DM

**Perceção dos Pais
sobre o Processo de Luto Infantil**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Andreia Carina Perregil Mendes

MESTRADO EM PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO



UNIVERSIDADE da MADEIRA
A Nossa Universidade
www.uma.pt

agosto | 2018

**Perceção dos Pais
sobre o Processo de Luto Infantil**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Andreia Carina Perregil Mendes

MESTRADO EM PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO

ORIENTADORA

Maria João Gouveia Pereira Beja

Agradecimentos

Em primeira instância quero realçar que este trabalho só foi possível realizar por ter pessoas ao meu lado que sempre me apoiaram, acreditaram em mim e contribuíram de alguma forma para a concretização deste meu sonho.

Agradeço à minha orientadora Professora Doutora Maria João Pereira Beja, por todos os ensinamentos preciosos e essenciais, incentivo, conselhos e críticas construtivas ao longo destes anos, um muito obrigado.

Quero agradecer aos Pais que aceitaram participar neste estudo, pois sem eles este trabalho não teria sido realizado.

Ao meu namorado João que sempre acreditou em mim, mesmo quando eu própria duvidava que era capaz, pelas palavras sábias nos momentos cruciais e pelo apoio constante.

À Fábria que foi uma pessoa incansável, inspiradora, dotada de saberes preciosos que foram muito úteis e fundamentais nesta minha caminhada.

Aos meus Pais pelo seu permanente incentivo, apoio e vontade em proporcionarem-me a melhor educação possível, um muito obrigado.

Aos meus sobrinhos, que apesar de serem muito novos, sem saber ajudaram-me através de pequenos mas valiosos gestos, como um abraço, um beijo ou um sorriso que me encheu o coração.

Quero ainda dar um muito obrigado à minha madrinha Benícia e André pela ajuda na entrega dos questionários ao maior número de pessoas que lhes foi possível.

Por fim, quero ainda agradecer a todas as outras pessoas que de alguma forma contribuíram e apoiaram-me nesta etapa tão importante na minha vida.

Partir!
Nunca voltarei,
Nunca voltarei porque nunca se volta.
O lugar a que se volta é outro,
a gare a que se volta é outra.
Já não está a mesma gente, nem a mesma luz,
nem a mesma filosofia.
Partir, meu Deus, partir! Tenho medo de partir!...

Fernando Pessoa
(Lá-bas, je ne sais où...
como Álvaro de Campos, 1944)

Percepção dos pais sobre o processo de luto infantil

Resumo

Ao longo da existência do ser humano ocorrem inevitáveis perdas difíceis de enfrentar devido à ruptura dos vínculos afetivos que se criam, sendo que a forma como depois o indivíduo lida com essas perdas depende de diversos fatores. O processo de luto daí decorrente é um fenômeno universal, pessoal e transversal a todas as idades, independentemente da etnia, cultura ou religião (Pereira, Bruno, Duarte, & Matos, 2015).

Assim como os adultos, as crianças sentem a perda de alguém ou algo significativo e vivenciam o processo de luto. O luto na infância é um processo com especificidades próprias, no qual os adultos significativos, particularmente os pais, assumem um papel importante para que as crianças consigam resolver de forma bem-sucedida este processo (Ramos, 2016). Contudo, são escassos os estudos sobre a percepção dos pais sobre o luto na infância.

Neste sentido, o presente estudo tem como principais objetivos analisar quais as percepções e opiniões dos pais sobre o luto infantil, identificar variáveis associadas à percepção de luto dos pais, nomeadamente o funcionamento familiar, e analisar se os membros do par parental têm uma visão semelhante, ou não, do luto nas crianças. Para tal, utilizaram-se dois questionários, “O luto infantil na perspectiva dos pais” (construído para o efeito), para compreender o que os pais sabem sobre este tema e como lidam com o luto dos seus filhos, e o “Systemic Clinical Out come and Routine Evaluation” (Score-15) (Vilaça, Silva, & Relvas, 2017) para aferir o funcionamento familiar. Participaram no estudo 70 pais, com filhos entre os 6 e os 11 anos, entre os quais 52 destes indivíduos formavam 26 casais.

Os resultados evidenciaram que: os pais sabem identificar os vários tipos de perda, contudo, a perda de um objeto estimado e uma situação de catástrofe natural não são encaradas como perdas significativas; a maioria dos pais identificou os principais sinais e comportamentos associados ao processo de luto nas crianças e revelaram não terem sentido dificuldades em lidar com os seus filhos aquando de uma perda significativa; não se verificou uma relação entre a percepção de luto dos pais e variáveis sociodemográficas; não se constatou uma relação entre o funcionamento familiar e a percepção dos pais sobre o luto na criança; os pais e as mães evidenciaram uma percepção semelhante do luto infantil.

Palavras-chave: perda, luto, criança, pais, família.

Perception of parents about the process of child grieving

Abstract

Throughout the existence of the human being, there are inevitable losses to face due to the rupture of the affective bonds that are created, and the way in which the individual deals with these losses depends on several factors. The resulting grieving process is a universal phenomenon, personal and transversal to all ages, regardless of ethnicity, culture or religion (Pereira et al., 2015).

Like adults, children feel the loss of someone or something significant and experience this process. Mourning in childhood is a process with its own specificities, in which significant adults, particularly parents, play an important role in enabling children to successfully resolve the grieving process (Ramos, 2016). However, there are few studies on parental perception of grief in childhood.

In this sense, the main objective of the present study is to analyze the perceptions and opinions of parents about child grief, to identify variables associated with parents' perception of grief, such as family functioning, and to analyze whether parental members have a similar view, or not, of mourning in children. To do this, was used two questionnaires, "Child Mourning from the Perspective of Parents" (built for this purpose), to understand what parents know about this issue and how they deal with their children's mourning, and the Systemic Clinical Outcome and Routine Evaluation (Score-15) (Vilaça et al., 2017) to assess family functioning. The study included 70 parents with children between 6 and 11 years of age, of whom 52 formed 26 couples.

The results showed that: parents can identify the various types of losses, however, the loss of an estimated object or a natural disaster situation are not considered significant losses; most parents identified the main signs and behaviors associated with the bereavement process and revealed that they did not experience difficulties in dealing with their children when it occurred a significant loss; there was no relationship between parental grief perception and sociodemographic variables; no relationship was also found between family functioning and parental perception of grief in the child; the parents and the mothers showed a similar perception of the infantile mourning.

Keywords: loss, mourning, child, parents, family.

Índice

Introdução	1
Parte I – Enquadramento Teórico	3
Capítulo 1 – A perda	4
1. A criança e a perda	4
2. Fatores que influenciam a percepção sobre a perda e a morte	5
Capítulo 2 – O luto	8
1. O processo de luto	8
2. Perspetivas e modelos teóricos do luto	9
3. O luto na infância	12
Capítulo 3 – O luto e a família	15
1. Luto no contexto familiar	15
2. A família e o luto da criança	16
Parte II – Estudo Empírico	20
Capítulo 4 – Metodologia	21
1. Objetivos	21
2. Amostra	21
3. Instrumentos	23
4. Procedimentos	24
Capítulo 5 – Apresentação e análise dos resultados	25
1. Análise descritiva	25
2. Análise inferencial	32
Capítulo 6 – Discussão dos resultados	41
Parte III – Conclusões	50
Bibliografia	54
Anexos	63

Índice de tabelas

Tabela 1	Descrição da amostra	22
Tabela 2	Situações que constituem, na opinião dos pais, possíveis perdas significativas para a criança	26
Tabela 3	Sinais físicos que os pais consideram que se pode encontrar numa criança a vivenciar um processo de luto	26
Tabela 4	Sinais emocionais, comportamentais e psicológicos que os pais consideram que se pode encontrar numa criança a vivenciar um processo de luto	27
Tabela 5	Fatores que, na opinião dos pais, influenciam as reações das crianças à perda	28
Tabela 6	Perceção dos pais sobre se consideram que conseguem identificar sinais e sintomas associados ao luto dos filhos	28
Tabela 7	Perceção dos pais sobre se consideram importante que as crianças vivenciem o processo de perda/luto no seio familiar	29
Tabela 8	Experiencia de luto após o nascimento dos filhos	30
Tabela 9	Consideram que os filhos foram afetados durante esse processo	30
Tabela 10	Costumam falar com os filhos sobre o tema das perdas e do luto	30
Tabela 11	Dificuldade em lidar com os filhos aquando de uma perda	31
Tabela 12	Principais dificuldades sentidas pelos pais	31
Tabela 13	Perceção do funcionamento familiar média total do Score 15	35
Tabela 14	Perceção do funcionamento familiar média das dimensões do Score 15	35
Tabela 15	Perceção entre os membros do casal sobre situações que constituem possíveis perdas significativas para a criança	36
Tabela 16	Perceção entre os membros do casal sobre os sinais físicos que podem encontrar numa criança a vivenciar um processo de luto	37
Tabela 17	Perceção entre os membros do casal sobre os sinais emocionais, comportamentais e psicológicos que se pode encontrar numa criança a vivenciar um processo de luto	38

Tabela 18	Percepção entre os membros do casal sobre as reações das crianças à perda	39
Tabela 19	Percepção entre os membros do casal sobre se costumam falar com os filhos sobre o tema das perdas e do luto	39

Introdução

Antes que um indivíduo possa compreender o impacto da perda e o comportamento humano a esta associada, deve tentar compreender o significado do apego. Este pode ser definido como uma ligação emocional entre a criança e o seu cuidador e é evidenciado quando o bebé se apega à pessoa que dele cuida, que é, normalmente, a mãe (Mello & Baseggio, 2013; Bromberg, 1996). Como refere Melo (2004) “quanto mais forte for a ligação estabelecida entre duas pessoas, maior será o impacto e sofrimento advindos da ameaça ou rutura real desse laço” (p. 4).

Ao longo da vida o indivíduo vai passando inevitavelmente por algumas perdas. Estas perdas podem ser de dois tipos, reais ou simbólicas, e apesar de estarem intimamente relacionadas com o fim da vida, o seu significado é muito mais abrangente porque designa a falta ou ausência de acesso a algo que possuímos e com o qual se estabeleceu uma relação significativa (Mello & Baseggio, 2013). As perdas, sobretudo as perdas significativas, implicam um luto, que consiste num processo pelo qual o sujeito tem que passar e que desencadeia um conjunto de respostas emocionais, físicas, comportamentais e sociais (Pereira et al., 2015; Pinto et al., 2009).

O luto é a resposta humana a uma perda ou separação e é um processo necessário para que o indivíduo se ajuste à perda e se adapte a uma nova realidade (Buglass, 2010; Worden 2009).

Apesar de nem sempre ser dada a devida importância, as crianças também vivenciam o processo de luto. A forma como estas lidam com a dor da perda vai depender do vínculo afetivo que mantinham com a pessoa ou objeto perdido, da sua personalidade, estágio de desenvolvimento cognitivo, experiências de perdas anteriores, contexto familiar, entre outros fatores. A família, como principal sistema onde a criança se desenvolve, e os pais, como principais promotores do seu desenvolvimento, assumem um papel preponderante na forma como a criança experiencia e lida com as perdas e conseqüente processo de luto, pois, por um lado, muitas das crenças da criança são construídas no seio da família, e por outro lado, a família é o principal sistema de apoio da criança aquando de uma perda (Almeida, 2005; Torres, 1979). Torna-se assim necessário compreender quais são as crenças e opiniões dos pais sobre o luto nas crianças.

O luto infantil tem ganho importância para a comunidade científica, profissionais de saúde, pais, docentes e opinião pública em geral, preocupados em compreender melhor o seu peso na vida da criança, como pode influenciar a sua vivência no meio familiar e inclusão na

sociedade (Akerman & Staham, 2011). Têm sido realizadas várias investigações, que se têm debruçado, essencialmente, sobre três domínios: a forma como as crianças vivenciam as perdas e o luto (Andrade, 2013; Franco & Manzorra, 2007; Leandro & Freitas, 2015; Lima, 2007; Prestes, Lima, & Oliveira, 2010); quais os fatores de risco e proteção (Dias, 2015; Franco & Tinoco, 2011; Lima & Kóvacs, 2011; Mentone, 2007; Mota, 2008); e os impactos do processo de luto (Assayag, Figueira, Hayasida, & Matos, 2014; Delalibera, Presa, Coelho, Barbosa, & Franco, 2015; Geronimo, 2016; Goulart, Somarriba, & Xavier, 2005; Habekoste & Areosa, 2011; Leal, 2011; Melo, 2004; Pereira et al., 2015; Silva & Melo, 2013). No entanto, apenas se encontrou um estudo sobre a perceção dos pais acerca do luto nas crianças (Duarte, 2015), verificando-se, assim, uma lacuna nesta área, que foi o ponto de partida para a realização do presente estudo e que teve como principais objetivos: 1) caracterizar a perspetiva dos pais sobre o luto infantil; 2) identificar variáveis associadas à perceção de luto dos pais, nomeadamente, o funcionamento familiar; 3) comparar a perceção de luto do par parental.

Relativamente à estrutura, o trabalho foi organizado em três grandes partes: enquadramento teórico, estudo empírico e conclusão. O enquadramento teórico está subdividido em três capítulos: o primeiro debruça-se sobre a perda em geral e infantil em particular, o segundo aborda o luto decorrente desse processo e o terceiro capítulo foca-se no luto numa perspetiva familiar. O estudo empírico encontra-se dividido em três capítulos: o primeiro engloba a metodologia utilizada, o segundo é dedicado à exposição e análise dos resultados e por último é feita a discussão dos mesmos. Na terceira parte são apresentadas as principais conclusões do estudo, bem como as limitações e sugestões futuras.

Parte I - Enquadramento teórico

Capítulo 1 – A perda

1. A criança e a perda

Ao longo do ciclo vital invariavelmente vão ocorrendo perdas na vida do sujeito. As perdas vão surgindo nas mais variadas situações e podem ser de dois tipos, perdas reais ou simbólicas. As perdas reais são associadas normalmente à perda de uma pessoa significativa, perda de um animal ou objeto importante, e as perdas simbólicas dizem respeito à perda de uma expectativa, de um ideal de um filho, incapacidade para conseguir o emprego desejado, perda por divórcio, entre outros. O que todas estas perdas têm em comum é a dificuldade do indivíduo em tolerar a ausência do que perdeu (Bowlby, 1998; Canavarro, 2004; Hispagnol & Marras, 2015; Moura, 2006; Parkes, 1998; Pinto et al., 2009).

O conceito de perda pode ser definido como a falta ou ausência de acesso a algo ou alguém com o qual o indivíduo estabeleceu uma relação significativa (Gómez & Hernández, 2009; Lima & Kovács, 2011; Pereira et al., 2015). A perda resulta de um evento que é entendido como sendo negativo por parte dos indivíduos envolvidos e provoca a longo prazo mudanças sociais, cognitivas e na forma de se relacionar com os outros (Habekoste & Areosa, 2011).

Perante uma perda significativa, quanto mais forte for a qualidade das relações estabelecidas com o ente querido ou objeto perdido, maior é o sofrimento resultante dessa perda, seja por separação ou rutura desse laço (Stroebe, Zech, Stroebe, & Abakoumkin, 2005). O modo de lidar com a mesma e respetiva dor depende dos recursos a que o sujeito tem acesso, recorrendo normalmente aos parentes e amigos próximos na procura de apoio e da capacidade de resiliência (Lima & Kovács, 2011; Pereira et al., 2015). A forma como o indivíduo lida com as perdas vai sendo assim continuamente ajustada e melhorada ao longo da sua vida (Gomes, 2006; Yunes, 2003).

A perda é algo que está presente em todos os contextos de vida do indivíduo e que é transversal a todas as faixas etárias, inclusivamente na infância. Apesar de fazer parte da nossa vida de forma tão vincada, as pessoas normalmente evitam falar sobre a perda, principalmente com as crianças, pois consideram que estas não estão devidamente preparadas para lidar com a mesma. No contexto da sociedade actual achou-se por bem proteger as crianças da morte e tudo o que a envolve, não apenas afastando-as das cerimónias fúnebres como inclusive catalogando-as como seres incapazes de sentir pesar e entender o fim da vida (Mello & Baseggio, 2013; Bromberg, 1996; Kovács, 2015).

Ao longo do seu desenvolvimento a criança pode experienciar várias perdas e é no seio da família que habitualmente ocorrem as suas primeiras experiências que envolvem a perda e que normalmente são identificadas como perdas simbólicas, como por exemplo, quando troca de cidade ou enfrenta algum tipo de separação. Contudo, a perda por morte é provavelmente a experiência mais traumática que a criança pode vivenciar e quanto mais jovem esta é, maiores serão os efeitos que essa perda acarretará. A perda de um dos pais, por exemplo, é particularmente complicada pois a criança sente-se profundamente desamparada e incapaz de lidar com as mais variadas dificuldades. A forma como depois vai reagir será influenciada pelo seu estágio de desenvolvimento cognitivo e desenvolvimento emocional, proximidade com o progenitor falecido, seu relacionamento com o outro progenitor, entre outros (Bromberg, 1996; Murray, Toht, & Clinkinbeard 2005; Paiva 2011; Torres 1979; Walsh & McGoldrick, 2013).

2. Fatores que influenciam a percepção sobre a perda e a morte

Muitos estudos procuraram analisar quais os fatores que influenciam a percepção das crianças sobre os conceitos de perda e de morte, salientando-se os seguintes: desenvolvimento cognitivo, sexo e experiência prévia de perdas.

O estágio de desenvolvimento cognitivo das crianças influencia a sua percepção sobre o conceito de morte. Segundo Piaget (1961) existem quatro estágios de desenvolvimento cognitivo: estágio Sensório-Motor (0-2 anos), estágio Pré-Operatório (2-7 anos), estágio das Operações Concretas (7-11/12 anos) e estágio das Operações Formais (12-16 anos). É a partir do estágio das operações concretas que a criança consegue efetuar operações e problemas mais complexos, ao mesmo tempo que desenvolve o seu raciocínio formal, definição de justiça, regras morais, entre outros, o que lhe confere uma maior capacidade para compreender a morte. Enquanto não desenvolve estas capacidades terá mais dificuldade em processar as perdas e o luto. Vários autores partilham esta visão e sublinham a importante relação que existe entre o estágio de desenvolvimento cognitivo da criança e a sua compreensão da morte (Mazorra & Tinoco, 2005; Torres, 1979).

Neste sentido, Almeida (2005) fez um estudo junto de crianças com cancro, com idades entre os dois e os cinco anos, para perceber como estas lidam com as perdas no decurso da hospitalização, e concluiu que as crianças nesta faixa etária não têm ainda a capacidade de compreender a irreversibilidade da morte. Nunes, Carraro, Jou e Sperb (1998), realizaram um estudo com seis crianças, com idades entre os seis e os sete anos, para aferir se compreendiam a irreversibilidade da morte. Constataram também que o estágio de

desenvolvimento cognitivo, entre outros fatores, influencia a percepção que a criança tem da mesma. Também Torres (2002) efetuou um estudo em 167 crianças, com idades entre os cinco e os treze anos, de ambos os sexos com doenças crônicas para averiguar se existia uma relação entre o seu desenvolvimento cognitivo e a percepção que tinham da morte. Concluiu que ambos os fatores estão relacionados e que esta relação deve ser levada em consideração de forma a adequarmos a informação transmitida à criança sobre a morte, para um mais fácil entendimento deste processo.

A forma como a criança consegue processar a perda dependerá assim de fatores cognitivos que lhe vão permitir a capacidade de compreender conceitos tais como a: irreversibilidade, perceber que o corpo não regressa à vida após a morte; não-funcionalidade, entendimento de que todas as funções corporais associadas à vida terminam com a morte; e universalidade, ou seja, compreensão que todos os seres vivos morrem (Mello & Baseggio, 2013; Canavarro, 2004; Leandro & Freitas, 2015; Mazorra & Tinoco, 2005).

Relativamente ao sexo, encontram-se poucos estudos sobre a sua influência na compreensão do conceito de morte. Os estudos encontrados sugerem que rapazes e raparigas atribuem diferentes causas à morte. Assim, os rapazes parecem atribuir a causas violentas e as raparigas tendem a atribuir a morte a doenças ou acidentes (Krepia, Krepia, & Tsilingiri, 2017).

Quanto à experiência prévia de perdas, de acordo com alguns estudos crianças que experienciaram a morte de alguém afetivamente próximo ou de um animal de estimação, parecem desenvolver um conceito de morte diferente comparativamente a crianças da mesma idade que nunca experienciaram a morte de alguém significativo. Existem ainda outros estudos que sugerem que crianças que perderam um dos pais percebem a morte como sendo mais “real” do que crianças que nunca passaram por uma experiência semelhante (Krepia et al., 2017).

Torna-se assim evidente que existe um conjunto de fatores que influenciam a forma como as crianças percebem o conceito de perda e de morte e, conseqüentemente, o luto. Importa referir que quando as crianças sofrem uma perda é importante que a família lhes providencie conforto, segurança e afeto, identificando e aceitando os seus sentimentos como sendo normais, demonstrando e partilhando as emoções. A criança precisa de uma particular atenção nesta fase e a ajuda do adulto é assim essencial para a sua compreensão da morte e para servir de suporte às suas reações emocionais, pois a criança não é ainda capaz de elaborar sozinha o processo de perda sem o apoio do adulto (Krepia et al., 2017; Leandro & Freitas, 2015; Walsh & McGoldrick, 2013).

O adulto deve ainda ajudar a promover a resiliência infantil, que consiste na maneira como as crianças ultrapassam as dificuldades, inclusivamente as perdas, protegendo-as e dando-lhes a capacidade de recuperarem após a ocorrência de crises. As crianças que lidam de uma forma mais resiliente com as dificuldades, possuem uma maior capacidade para superar as perdas, capacidade esta que lhes é conferida por um conjunto de características, tais como: confiança; autocontrolo; saúde física e mental, desenvolvimento cognitivo, entre outras (Bonanno, Westphal, & Mancini, 2011; Yunes, 2003).

Experienciar e lidar com a perda de alguém próximo, ou algo, é inevitável e faz parte do crescimento de qualquer criança. É o facto de construirmos laços e vínculos que implica que quando existe uma perda se vivencie um processo de luto.

Capítulo 2 – O luto

1. O processo de luto

O luto é um fenómeno universal e natural que decorre da perda de algo ou alguém significativo e que ninguém consegue controlar ou impedir independentemente da sua etnia, cultura ou religião (Pereira et al., 2015).

Este só ocorre quando o vínculo afetivo é quebrado, sendo então, uma resposta comum a todos os indivíduos à separação de uma pessoa importante. A qualidade dos vínculos afetivos construídos anteriormente vai determinar os vínculos futuros e os recursos que o sujeito vai utilizar para enfrentar e elaborar a rotura e perda dos mesmos (Bromberg, 1996). A perda leva a um sentimento de tristeza que contribui para que o indivíduo se concentre intensamente naquilo que perdeu e não atribua um significado ao que está a acontecer à sua volta, dificultando a sua adaptação, alterando a condição e qualidade psíquica do sujeito, levando-o ao sofrimento e desamparo (Gomes & Gonçalves, 2015; Pereira et al., 2015).

O luto envolve uma necessária transformação de uma relação que assenta no contacto físico para uma que depende das ligações espirituais, memórias e histórias comuns (Klass, 2014; Stroebe, Schut, & Boerner, 2010; Walsh & McGoldrick, 2013). É a resposta social esperada após a perda de alguém ou algo e consiste num período de transição com mudanças na rotina, nos papéis e nas expectativas do sujeito. Pode ser ainda definido como um conjunto de representações mentais e comportamentos associados a uma perda efetiva, cujo objetivo principal é que o indivíduo aceite e se adapte a uma nova realidade, sendo que em certos casos este processo pode ser vivido de forma traumática (Canavarro, 2004; López, 2015; Pereira et al., 2015; Sassi, 2014; Walsh & McGoldrick, 2013).

O luto não é um processo rápido, linear ou fácil, mas sim um processo complexo e que provoca um elevado sofrimento, envolvendo uma série de respostas e comportamentos a nível psicológico, emocional, físico e comportamental, que necessitam de tempo para serem ultrapassados. A nível psicológico e emocional é frequente encontrar sentimentos como ansiedade, tristeza, raiva, agressividade, irritabilidade, culpa, isolamento, fadiga, saudade, choque, entre outros (Akerman & Statham, 2014; Bowlby-West, 1983; Melo, 2004; Ramos, 2015; Schonfeld & Demaria, 2015; Worden, 2009).

A nível físico podemos esperar encontrar mais frequentemente a falta de energia, aperto no peito, vazio no estômago, hipersensibilidade aos sons, fraqueza muscular, nó na

garganta, entre outros (Akerman & Statham, 2014; Bowlby-West, 1983; Melo, 2004; Ramos, 2015; Schonfeld & Demaria, 2015; Worden, 2009).

A nível comportamental podemos encontrar normalmente ataques de choro associados a lembranças da pessoa falecida, perda ou aumento do apetite, perturbação do sono, retraimento social, falta de concentração, procurar e chamar pela pessoa falecida, entre outros (Akerman & Statham, 2014; Bowlby-West, 1983; Melo, 2004; Ramos, 2015; Schonfeld & Demaria, 2015; Worden, 2009)

Para além destas respostas e comportamentos, o luto implica a realização de determinadas tarefas, nomeadamente: aceitação de que se perdeu algo significativo; elaboração de sentimentos inerentes ao processo de luto; adaptação ao mundo sem aquela pessoa/objeto; interiorizar e dar um significado à relação com o que foi perdido; e prosseguir com a vida (Melo, 2004). Quando observamos os indivíduos que estão a passar por um processo de luto, constatamos que apesar de todos manifestarem um conjunto de condutas esperadas nessa situação, demonstram também uma variedade de comportamentos únicos. Esta variedade de comportamentos pode ser explicada com base nos mediadores de luto, que são um conjunto de informações que o técnico recolhe, tais como: quem era a pessoa ou elemento perdido e o que significava para o enlutado; qual a natureza da ligação entre a pessoa enlutada e a falecida; em que circunstâncias ocorreu a morte ou perda; histórico de perdas anteriores; características da personalidade do enlutado, tais como a idade, maturidade, desenvolvimento cognitivo, estratégias de coping, entre outros; aspectos sociais, tais como as experiências religiosas, rede de suporte, entre outros; e por fim, os agentes de pressão e stress. Estas informações permitirão então ao técnico compreender o porquê das diferenças individuais em lidar com o processo de luto (Worden, 2009).

2. Perspetivas e modelos teóricos do luto

Existem várias teorias e modelos explicativos do luto. As primeiras perspetivas encaravam o luto como um conjunto de etapas ou fases. Neste sentido, Lindemann (1944) refere que o processo de luto é vivenciado em cinco fases: 1) a fase dos distúrbios somáticos, com sintomas como aperto na garganta, falta de ar, entre outros; 2) fase da preocupação com a imagem do falecido; 3) fase do sentimento de culpa, como por exemplo, o recordar de algum comportamento com o falecido que o enlutado classifica como tendo sido incorreto; 4) sentimentos de hostilidade ou raiva; 5) dificuldade em executar tarefas rotineiras. O processo psicológico de lidar com uma perda significativa exige que a pessoa enlutada se separe

emocionalmente da pessoa ou objecto perdido e se adapte a um novo ambiente em que já não estão incluídos (Buglass, 2010).

Para Freud (1961), uma das principais referências na literatura da área, o luto era perspectivado como “uma experiência a trabalhar”. O autor propôs o termo ‘griefwork’ (“trabalho de luto”) para se referir ao processo de diminuição gradual de energia que liga o indivíduo enlutado ao objeto perdido ou à pessoa falecida. Para ultrapassar a perda o indivíduo deve recorrer às memórias passadas relacionadas com o que perdeu (Buglass, 2010). Segundo esta perspectiva, o luto tem como função psicológica ajudar o indivíduo a enfrentar a realidade da perda e a desvincular-se da pessoa ou objeto perdido (Silva & Ferreira-Alves, 2012).

De acordo com Kubler-Ross (1993), o luto processa-se em cinco fases: a reação inicial é a negação, sendo que esta é um mecanismo natural de coping que ajuda a lidar com o choque inicial provocado pela perda; seguidamente, quando a realidade da perda é aceite surge a fase da raiva, que pode ser dirigida a Deus, sociedade em geral ou contra si próprio; depois vem a fase da negociação que é quando a pessoa tenta negociar, normalmente com Deus, o regresso da pessoa perdida ou um alívio dos sintomas; quando o indivíduo percebe que a negociação não atinge resultados, é acometido pela fase da depressão; por fim, surge a fase da aceitação em que o enlutado aceita a realidade da morte.

Uma das teorias explicativas do luto mais destacadas na literatura é a teoria da vinculação de Bowlby (1998), que enfatiza a importância dos vínculos que são estabelecidos desde a infância. Esta teoria “foi - e continua a ser - integrada em diversas pesquisas e investigações associadas à perda, sendo pioneira na introdução do conceito de vinculação como um conceito central para entender não só as ligações humanas mas, também, as reações à perda dessas ligações” (Silva & Ferreira-Alves, 2012, p.589). Segundo Bowlby (1998) e Parkes (1998) o luto evolui através de quatro fases sequenciais: entorpecimento, saudade e procura da pessoa falecida, desorganização e desespero, e reorganização. Esta perspectiva explica a necessidade humana de estabelecer laços afetivos com outras pessoas e o sofrimento emocional causado pelo rompimento involuntário desses vínculos e perdas de laços. Para que o processo de luto seja bem-sucedido, o indivíduo tem de aprender a se reorganizar e não a se desvincular da pessoa ou objeto perdido.

Worden (2009) desenvolveu uma abordagem diferente para explicar o luto. De acordo com este existe um conjunto de tarefas que o indivíduo tem de resolver para que o luto seja bem-sucedido. No modelo proposto por si, passamos de “fases passivas do luto” para “tarefas ativas do luto”, nas quais o indivíduo assume um papel ativo. Estas tarefas incluem: 1) aceitar

a realidade da perda; 2) trabalhar a dor do luto; 3) ajustar-se a um ambiente do qual a pessoa ou objeto perdido já não faz parte; 4) recolocar, emocionalmente, a pessoa ou objeto perdido, permitindo que o indivíduo continue com a sua vida.

Parkes (1998) foi outro dos estudiosos que contribuiu para uma melhor compreensão do luto. Desenvolveu uma teoria do luto semelhante à teoria de Bowlby (1973) e na qual identifica quatro fases: 1) choque ou dormência; 2) anseio e saudade; 3) desorganização e desespero; 4) recuperação. De acordo com este o luto é um processo dinâmico que envolve uma sucessão de fases que se fundem e substituem umas às outras.

As perspetivas mais atuais sobre o luto centram-se nos modelos compreensivos. De acordo com o Modelo Integrativo do Luto de Moos, o luto ocorre em três esferas que estão relacionadas entre si: a individual, familiar e da sociedade. Como o enlutado faz parte destes três sistemas, as suas atitudes e reações refletem-se nos papéis que desempenha nos mesmos e é por isso fundamental que o processo de luto ocorra simultaneamente nas três dimensões referidas anteriormente (Murray et al., 2005).

Um dos modelos mais destacados na literatura é o Modelo Dual do Processo de Luto Stroebe & Schut, (1999), que foi originalmente desenvolvido para ajudar a compreender como um indivíduo lida com a morte do parceiro, sendo que depois se percebeu que pode ser aplicado a outros tipos de luto. Este modelo considera a existência de fatores stressantes que resultam da perda de alguém significativo e conseqüente processo de luto, tendo também em consideração as estratégias de coping necessárias para lidar com a perda e levar à reconstrução do sujeito. Trabalha primeiramente a perda e a decorrente dor de separação, e em seguida promove um conjunto de alterações psicossociais que levam à reconstrução da vida do enlutado na ausência do objeto amado. Para que o luto seja então bem-sucedido é essencial que o indivíduo aceite a realidade da perda.

De acordo com o Modelo Dual do Processo de Luto Stroebe & Schut, (1999), existem três componentes fundamentais: (a) orientação para a perda, (b) orientação para o restabelecimento e (c) oscilação. Durante o processo de luto, o indivíduo tem de lidar com fatores orientados para a perda e fatores orientados para o restabelecimento. Os fatores orientados para a perda englobam o trabalho de luto, incluindo estar preocupado com a morte, ruminar e ansiar pela pessoa falecida e comportamentos associados, tais como, visitar lugares ou ouvir música que provoca tristeza. Os fatores orientados para o restabelecimento referem-se a fazer mudanças no estilo de vida, lidar com a vida quotidiana e construir novos papéis e relacionamentos. É de salientar que durante o processo de luto o indivíduo pode confrontar ou evitar estes fatores, alternando entre a orientação para a perda e para o restabelecimento,

sendo este processo designado de oscilação. Por exemplo, num determinado momento o indivíduo terá de se confrontar com algum aspeto da perda e noutra momento poderá querer evitar memórias, procurando se distrair. Como refere Silva (2004), “ao defender uma espécie de vaivém entre as duas outras dimensões, baseando-se na capacidade de escolha das pessoas enlutadas entre a confrontação e o evitamento, esta teoria diferencia-se do modelo fásico, onde estas atitudes são vistas, separadamente, como uma característica do processo de lidar com o luto e não como um processo dinâmico, como uma estratégia cognitiva” (p. 75).

Apesar das suas particularidades, parece existir um consenso entre estas perspetivas e modelos de que não existe um período de tempo de resposta e duração precisa do luto. Apesar disto, quando existe uma relação de grande proximidade com o que foi perdido, é pouco provável que demore menos de um ano (Melo, 2004). Em algumas situações o luto pode se complicar, agravando os comportamentos e os sintomas ou, em casos mais extremos, pela não existência do luto, sendo por vezes necessária a intervenção de um psicólogo. A vulnerabilidade do indivíduo durante o luto é influenciada por um conjunto de fatores situacionais, como por exemplo, as circunstâncias da perda, fatores interpessoais, como por exemplo suporte da família e amigos, e fatores intrapessoais, como a idade, sexo, saúde física, entre outros. Estes podem ser considerados fatores protetores ou de risco e encontram-se muitas vezes interligados (Melo, 2004; Pereira et al., 2015; Worden, 2009).

Existem ainda situações que não podem ser consideradas de luto complicado, mas que levam a que ocorra uma regressão no processo de luto e o reaparecer de alguns sentimentos mais dolorosos, como por exemplo, as celebrações de família e datas importantes (Melo, 2004; Parkes, 1998; Stroebe & Schut, 1999).

O luto é vivido de uma forma única por cada indivíduo e por isso não é possível padronizar a maneira como os indivíduos manifestam a dor da perda ou como vivem o luto. A única certeza é a de que o indivíduo enlutado sofrerá com a mesma e necessitará de expressar o seu pesar, não sendo possível apressar ou ultrapassar etapas no processo de luto para diminuir a sua dor. Nesta fase o apoio das pessoas mais próximas é indispensável para o sucesso desta tarefa (Santos & Sales, 2011). Importa referir que, tal como os adultos, as crianças também vivenciam e elaboram o luto.

3. O luto na infância

A literatura científica da área refere que, embora as reações emocionais e comportamentais possam variar, crianças de todas as idades fazem o luto (Miraglia, 2012). O luto na criança é definido como o procedimento necessário na adaptação à perda e, apesar de

passar pelas mesmas fases de luto que o adulto, tem as suas especificidades, sendo que estas resultam nas diferenças de tempo para a elaboração do luto e num mais rápido desligamento deste processo (Bowlby, 1998).

Para Bowlby (1998) existem também quatro fases no luto infantil: a primeira é designada de entorpecimento e consiste nas reações de choque e descrença que ocorrem logo após a perda. Esta fase pode persistir durante alguns dias, podendo originar sentimentos de raiva ou desespero. Na fase seguinte, a de protesto, a criança não aceita a morte da pessoa ou perda do objeto significativo e tem como principal objetivo recuperá-lo recorrendo aos pensamentos e sentimentos, culpabilizando-o por ter sido abandonado. A terceira etapa, o desespero, caracteriza-se pela aceitação da criança de que perdeu o objeto significativo ou de que a pessoa faleceu, apesar de manter ainda alguma esperança de que os possa recuperar. Por fim, o desapego simboliza a fase em que a criança consegue afastar-se emocionalmente da pessoa ou elemento perdido. É nesta etapa que a criança se reorganiza, aceitando assim a ausência da pessoa falecida ou do objeto perdido.

A forma como cada criança lidará com a perda está relacionada com a sua idade, personalidade, estágio de desenvolvimento cognitivo, profundidade do vínculo que mantinha com a pessoa que morreu ou objeto perdido e a forma como os adultos reagem e lidam com uma perda (Bromberg, 1996; Brun, 2003; Hispagnol & Marras, 2015; Klein, 1991; Marcelli, 2002; Melo, 2004; Nunes et al., 1998; Vendruscolo, 2005). Durante o processo de luto a criança pode manifestar também queixas somáticas e sentimentos negativos, tais como reações desagradáveis para com os outros, engrandecimento das qualidades do falecido, identificação com o mesmo e desorientação como consequência da sensação de desamparo e culpa (Mello & Baseggio, 2013; Lima & Kovács, 2011). Pode ainda experienciar um acréscimo dos níveis de ansiedade por recear uma futura perda de alguém significativo, medo de separação e temer pela segurança da sua família (Akerman & Statham, 2011).

Importa reter que alguns comportamentos e respostas podem diferir dos adultos, assim como as suas necessidades para ultrapassar esse acontecimento também serão diferentes. No caso de crianças mais jovens, sobretudo com idades entre os três e os seis anos, a perda gera um conjunto de expressões emocionais que são maioritariamente evidenciadas através de alterações comportamentais (como por exemplo agitação ou instabilidade), de perturbações alimentares (como recusa em comer, entre outras), de sono (por exemplo insónia, necessidade de dormir acompanhado, entre outras), alterações no controle dos esfíncteres (enurese noturna) ou ainda várias perturbações psicossomáticas difusas, como por exemplo dores

abdominais sem causa aparente. Importa salientar que estas reações das crianças à perda são normalmente transitórias, não constituindo um estado psicopatológico (Leal, 2011).

Ao longo do processo de luto a criança encontra-se mais fragilizada pois ainda depende do adulto principalmente para a satisfação das suas necessidades, para a confortar e acorrer às suas aflições, existindo por isto um risco maior de desencadear reações de luto complicado devido a fatores como as suas limitações na compreensão deste processo, ao que lhe foi transmitido, tipo de relações familiares, reestruturação familiar e cuidados fornecidos pela família após a perda. Partir do princípio que a criança não tem capacidade para compreender a morte, leva a que muitas vezes surja um silêncio constrangedor, desconversando-se ou utilizando-se chavões de maneira a esconder-lhe a realidade. Não falar com a criança pode trazer, por isso, complicações ao seu desenvolvimento e futuros processos de luto (Mello & Baseggio, 2013; Hispagnol & Marras, 2015; Lima & Kovács, 2011). Para que o luto da criança seja bem-sucedido, a família deve promover uma boa comunicação, dando-lhe tempo para elaborar este processo e assegurando-lhe que continuará a ser protegida (Leandro & Freitas, 2015; Souza, Zwolinski, & Glidden, 2017). Portanto, a família, sobretudo os pais, assume um papel significativo na forma como as crianças vivenciam o luto.

Capítulo 3 – O luto e a família

1. Luto no contexto familiar

Embora se pense no luto como um processo individual, os indivíduos vivenciam-no inseridos num contexto de várias relações, e essencialmente, num contexto que envolve os vários membros da família (Traylor, Hayslip, Kaminski, & York, 2003). No caso do luto das crianças, o sistema familiar assume um papel ainda mais importante, pois é no seio da família que as crianças aprendem e constroem as suas crenças e padrões de comportamento sobre as perdas e a forma de lidar com essas perdas (Walsh & McGoldrick, 2013).

As perdas e o luto numa perspetiva familiar podem ser compreendidos e estudados de duas maneiras: quando se perde um membro da família, como é que o sistema familiar lida com essa perda e se reorganiza; e quando um membro da família sofre uma perda (por exemplo, um colega de trabalho que morre ou a separação do companheiro), de que forma é que o luto do indivíduo pode influenciar e ser influenciado pelos restantes membros da família. A perda de algo ou alguém significativo afeta todo o sistema familiar e os seus membros, alterando a sua estrutura e provocando a sua necessária reorganização. As ações e reações de um membro familiar afetam todos elementos e o seu respetivo funcionamento, e esta interdependência existe porque há uma relação de causa-efeito na estrutura. Existem ainda vários fatores que podem influenciar o sistema familiar aquando da ocorrência de uma perda significativa, nomeadamente, a comunicação familiar, tipos de ligações, grau de discórdias ou stress, flexibilidade da estrutura de poder e a quantidade de afeto existente (Bromberg, 1996; Stroebe & Schut, 1999; Walsh & McGoldrick, 2013).

A forma como a família se vai adaptar a uma situação de perda é facilitada pela capacidade que os seus membros têm de regular o seu estado emocional, da não reatividade ao stress que sobrecarrega o sistema no todo, coesão, capacidade adaptativa do todo, as suas vivências familiares, aceitação da perda e reorganização da família e seu consequente envolvimento em novos projetos e relações (Murray et al., 2005; Klein, 1940; Melo, 2004; Walsh & McGoldrick, 2013; Znoj, 2005).

Um fator preponderante para a adaptação das famílias à perda é a sua maior ou menor capacidade de resiliência, que se refere ao caminho que a família deve percorrer para se adaptar às situações problemáticas. As famílias resilientes reagem de uma forma construtiva aos problemas dependendo do contexto, mecanismos de proteção e qualidade das interações entre os seus membros. Uma família com mais capacidade de resiliência recorre a estratégias de coping para lidar melhor com determinadas situações stressantes. O coping é assim uma

ferramenta fundamental para que o indivíduo efetue de forma saudável o processo de perda e subsequente luto (Sordi, Manfro, & Hauck, 2011; Yunes, 2003).

A forma como a família funciona pode influenciar a maneira como os seus membros vivenciam e experienciam o processo de luto. Nas famílias com um funcionamento saudável os seus elementos apoiam-se mutuamente no caso de uma perda, enquanto famílias mais problemáticas podem experienciar mais complicações, o que pode levar a um processo de luto mais prolongado e intenso (Delalibera et al., 2015; Walsh & Mcgoldrick, 2013). De acordo com alguns estudos, as famílias com mais dificuldade ao nível do seu funcionamento podem apresentar maior risco de problemas físicos e emocionais durante o processo de luto (Delalibera et al., 2015). No seguimento de uma morte encontramos por vezes um cenário de desavença familiar e problemas entre os enlutados, que podem ser também um fator agravante e pode levar a um processo de luto prolongado (Delalibera et al., 2015; Walsh & Mcgoldrick, 2013). Existem ainda um conjunto de outras variáveis que podem complicar a adaptação familiar aumentando assim o impacto da perda, como por exemplo uma morte súbita, altura em que a morte ocorreu, doenças crónicas, demências, entre outros (Walsh & McGoldrick, 2013).

Algumas famílias afirmam não se sentirem capacitadas para lidar com o luto, porque consideram que não estão devidamente informadas sobre o assunto e que lhes falta algum suporte emocional. Durante este processo é importante que as famílias promovam a tolerância, empatia, sensibilidade e desenvolvam estratégias de coping para resolver o problema. Em certos casos, a ajuda profissional pode ser uma alternativa quando a família admite que não tem a capacidade para ultrapassar o luto apenas com os seus recursos (Delalibera et al., 2015; Walsh & Mcgoldrick, 2013).

2. A família e o luto da criança

Aquando de uma perda é importante que a família assegure que é dado espaço às crianças. Estas têm características próprias, limitações e potencialidades que influenciam a sua forma de sentir a perda e de viverem o luto e ainda não têm a experiência de vida necessária para lidar da melhor maneira com a perda, sendo por isso necessários determinados cuidados específicos (Brun, 2003; Klein, 1940; Marcelli, 2002; Nunes et al., 1998). Os progenitores devem procurar assim estar atentos aos comportamentos mais subtis da criança, ser solidários e complacentes para que se promova uma melhor comunicação e desenvolvam estratégias que permitam à criança superar o problema (Delalibera et al., 2015).

Se para o adulto o luto é um período complicado e de dor, para a criança, que está em processo de desenvolvimento cognitivo e emocional, é ainda mais difícil compreender esse mesmo acontecimento. Esta é mais sensível ao processo de luto, dependendo do adulto principalmente para responder às suas angústias e ajudá-la com a saudade, pois quando ocorre uma perda significativa o seu mundo é radicalmente alterado e cabe aos que lidam com a criança ajudá-la a ultrapassar essa dor (Mello & Baseggio, 2013; Leandro & Freitas, 2015; Lima & Kovács, 2011).

A comunicação entre os vários membros da família é de extrema relevância para a elaboração do luto da criança e esta poderá ser altamente influenciada pelo que os adultos lhe dizem, pela forma como lidam com as suas próprias emoções e no, caso da morte de um dos progenitores, a forma como o sobrevivente reage e como espera que a criança reaja. Pode-se então afirmar que a forma como a criança vivencia e exprime o luto vai depender das particularidades da sua família e cultura em que está inserida. Apesar de por vezes os pais poderem sentir dificuldades em perceber as dúvidas da criança, é importante comunicar de forma clara e aberta sobre o assunto e tudo o que o envolve para esclarecê-la e facilitar a sua adaptação à perda, permitindo que possa falar sobre os seus sentimentos, não evitando o tema e ajudando-a nas suas incertezas. Para isto é fundamental que alguém com quem a criança tem uma relação próxima lhe explique o que aconteceu para que não se sinta tão sozinha e perceba que apesar dessa perda existem ainda outras pessoas que a podem proteger, dar carinho e atenção (Mello & Baseggio, 2013; Bowlby-West, 1983; Bromberg, 1996; Dyregrov & Dyregrov, 2013; Engarhos, Schleifer, Talwar, & Renaud 2015; Espagnol & Marras, 2013; Kovács, 2015; Leandro & Freitas, 2015; Murray, 2005; Pereira et al., 2015; Schoen, Burgoyne, & Schoen, 2013; Schonfeld & Demaria, 2015).

Evitar responder às perguntas e dúvidas da criança com o objetivo de protegê-la é normalmente uma forma de defesa para o próprio adulto quando este não sabe o que responder, pois é confrontado com os seus próprios receios e medos sobre a morte. As questões colocadas pela criança não significam forçosamente uma não elaboração do luto, sendo importantes para que efetue o processo de forma saudável (Mello & Baseggio, 2013; Bromberg, 1996; Engarhos et al., 2013; Habekoste & Areosa, 2011; Hayslip & Kaminski, 2005; Hispagnol & Marras, 2015). Importa então que as crianças sejam motivadas a dialogar sobre os seus sentimentos e a expressá-los no seio da família, respeitando-se o seu ritmo e assumindo que estas por vezes têm dificuldades em fazê-lo verbalmente, podendo ser encorajadas a fazê-lo através de brincadeiras, literatura própria, desenhos animados, entre outros, para que confidenciem as suas vivências e fantasias interiorizadas e não mantenham a

esperança na reversibilidade da morte. Isto permite-lhes mais facilmente exprimirem as suas ansiedades e medos, sendo crucial para o seu desenvolvimento (Akerman & Statham, 2014; Klein, 1940; Leandro & Freitas, 2015; Mello & Baseggio, 2013).

Como membro da família é também importante que a criança seja incluída nos rituais fúnebres, caso o deseje, pois estes vão ajudá-la a processar a perda. É importante que os pais partilhem o máximo de informação possível com a criança sobre o que vão encontrar nos rituais, de modo a que esta esteja preparada emocionalmente para o que vai encontrar. A participação nos rituais fúnebres vai permitir à criança acompanhar todo o processo, dando-lhe assim a oportunidade de ver uma última vez o falecido e, conseqüentemente, despedir-se dele (Cerel, Fristad, Goldman, Weller, & Weller 2001; Engarhos et al., 2013; Hayslip & Kaminski, 2005; O'leary & Gaziano, 2011).

Os rituais fúnebres permitem ainda que a criança encontre suporte junto dos familiares durante o processo de luto, prestem respeito aos que já partiram, partilhem o luto e recebam conforto. Assim a criança sente que a sua dor é comum aos restantes elementos, corrigindo a sua visão egocêntrica e distorcida da realidade, que é causada pela sua interpretação da morte. A exclusão da criança pode levar ao seu isolamento e despoletar sensações de culpa, mas por outro lado, forçá-las a participar pode originar memórias traumáticas, sendo então necessário deixar a criança participar no processo de decisão de se deverá ou não assistir aos rituais fúnebres (Almeida, 2005; Murray et al., 2005; Delalibera et al., 2015; Leandro & Freitas, 2015; Sassi, 2014; Teixeira, 2003; Walsh & Mcgoldrick, 2013).

Importa referir que a criança tende inicialmente a negar a perda, achando que tem culpa e demonstrando por vezes atitudes mais agressivas, sendo importante que o adulto perceba que este seu comportamento não é necessariamente mau. A negação é necessária para a aceitação da perda e permite que a criança construa uma visão mais realista do processo de luto (Almeida, 2005; Murray et al., 2005; Delalibera et al., 2015; Leandro & Freitas, 2015; Sassi, 2014; Teixeira, 2003; Walsh & Mcgoldrick, 2013).

Apesar de se encontrarem vários estudos sobre o luto numa perspetiva familiar, que realçam a relevância do papel da família na forma como a criança lida com as perdas, encontrou-se apenas um estudo sobre a perceção dos pais sobre o luto infantil (Duarte, 2015). Achou-se por isto relevante perceber as crenças que os pais têm do luto, se já tiveram de lidar com o luto dos filhos, se acham que têm informação suficiente sobre este tema, entre outros aspetos importantes para que possamos compreender como podem influenciar o luto da criança. Da mesma forma, procurou-se verificar se os membros do par parental têm crenças semelhantes, ou se, por outro lado, têm perspetivas diferentes do luto infantil.

Numa altura em que se defende e debate a educação para a morte, perceber as crenças e opiniões dos pais sobre a forma como as crianças vivenciam o luto parece um passo fundamental.

Parte II - Estudo Empírico

Capítulo 4 – Metodologia

1. Objetivos

O presente estudo assumiu uma metodologia quantitativa e um carácter iminente exploratório, uma vez que aquando da revisão da literatura apenas se encontrou um estudo sobre a perceção dos pais acerca do luto infantil. Se não existem investigações anteriores que se tenham debruçado sobre o problema, com relação contraditória entre as variáveis ou se existem dúvidas quanto ao que a investigação recolhe noutras culturas, o investigador deverá desenhar um estudo exploratório que lhe permita recolher informações e formular hipóteses futuras (Ribeiro, 1999).

A elaboração desta investigação empírica teve por base a tentativa de responder a três grandes questões:

Quais as perceções e opinião dos pais de crianças entre os 6 e os 11 anos de idade sobre o processo de luto infantil?

Existe relação entre a perceção que os pais têm sobre o processo de luto infantil e o funcionamento familiar?

Existem diferenças entre os membros do par parental relativamente à perceção de luto infantil?

Estas questões foram o ponto de partida para todo o trabalho empírico que teve por objetivos: 1) caracterizar a perspectiva dos pais sobre o luto infantil; 2) analisar a experiência pessoal dos pais com situações de luto; 3) descrever se existe uma associação entre a perceção de luto e variáveis sociodemográficas, nomeadamente, o sexo, as habilitações literárias e a profissão; 4) descrever se existe uma associação entre o funcionamento familiar e a perceção dos pais sobre o luto; 5) descrever se existe uma concordância entre as respostas do par parental sobre o luto na criança.

2. Amostra

Relativamente aos participantes, optou-se por uma amostragem não probabilística, mais precisamente uma amostra “bola de neve”, em que o investigador reúne a população alvo que é pretendida para o estudo colocando assim uma serie de questões aos investigados, para que os mesmos forneçam outros potenciais membros para a investigação (Ribeiro, 2010).

A amostra do presente estudo ficou constituída por 70 indivíduos, com filhos entre os 6 e os 11 anos de idade, entre os quais 26 são casais (ou seja, ambos os membros do casal participaram). A tabela 1 apresenta de forma mais detalhada as características da amostra.

Relativamente ao sexo, 52,9% (n=37) dos participantes pertencem ao sexo feminino e 47,1% (n= 33) ao sexo masculino. A idade dos participantes varia entre os 26 anos e os 51 anos, sendo que a média situa-se nos 40.87 anos. A maioria dos participantes são casados ou vivem em união de facto (n=61; 87, 1%), 7,1 % (n=5) são solteiros e 5,7 % (n=4) são divorciados. O número de filhos dos indivíduos da amostra varia entre 1 a 3, sendo que a maioria dos participantes tem um filho (n=39; 55,7%).

Tabela 1

Descrição da amostra

		N	%	M	DP	Min	Max
Sexo	Feminino	37	52,9				
	Masculino	33	47,1				
Idade				40,87	5,6	26	51
Estado Civil	Solteiro	5	7,1				
	Casado ou União de facto	61	87,1				
Nº de filhos	Divorciado	4	5,7				
	Um filho	39	55,7				
	Dois filhos	26	37,1				
Habilitações literárias	Três filhos	5	7,2				
	6º ano	8	11,4				
	9º ano	8	11,4				
	12º ano	30	42,9				
Profissão	Licenciatura	3	4,3				
	Mestrado	21	30,0				
	Desempregado	2	2,9				
	Doméstica	1	1,4				
	Trabalhadores não qualificados	2	2,9				
	Trabalhadores qualificados da indústria, construção e artificies	2	2,9				
	Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura, da pesca e da floresta	2	2,9				
	Trabalhadores dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedor e	22	31,4				
	Pessoal administrativo	2	2,9				
	Técnicos e profissões de nível intermédio	12	17,1				
Especialistas das profissões intelectuais e científicas	Especialistas das profissões intelectuais e científicas	22	31,4				
	Representantes do poder legislativo e de órgãos executivos, dirigentes, diretores e gestores executivos	1	1,4				
	Não aplicável	2	2,9				

No que se refere às habilitações literárias, a maior parte dos participantes tem como formação o 12º ano (n=30; 42,9%) e o mestrado (n=21; 30,0 %). Em termos profissionais, recorreu-se à Classificação Portuguesa das Profissões (2011) para classificar os participantes. Neste sentido, a maioria dos elementos da amostra incluem-se na categoria de especialistas das profissões intelectuais e científicas (n= 22; 31, 4%), trabalhadores dos serviços pessoais,

de proteção e segurança e vendedores (n= 22; 31, 4%) e técnicos de profissões de nível intermédio (n=12; 17,1%).

3. Instrumentos

De forma a responder aos objetivos propostos foram aplicados dois questionários: “O luto infantil na perspetiva dos pais” (construído para o efeito) e o “Systemic Clinical Outcome and Routine Evaluation” Score-15, validado para a população portuguesa por Vilaça et al., (2017).

Para avaliar a perceção dos pais sobre o luto nas crianças, uma vez que não se encontrou nenhum instrumento, procedeu-se à construção de um questionário, intitulado “O luto infantil na perspetiva dos pais”. Este questionário foi elaborado tendo por base um questionário para avaliar a perceção dos professores sobre o luto infantil (Leal, 2011). Foi elaborada uma primeira versão do questionário, que foi revista por especialistas da área e que, posteriormente, foi sujeita a alterações. A versão final do instrumento tem como objetivo conhecer e compreender a perceção dos pais, com filhos com idades entre os 6 e os 11 anos de idade, sobre o luto infantil. O instrumento ficou composto por 34 itens de escolha múltipla e resposta aberta, divididos em quatro tópicos: dados sociodemográficos; perdas e luto na infância; abordagem familiar às perdas e luto e preocupações e dificuldades. No primeiro tópico procurou-se reunir alguma informação pessoal sobre os pais e a criança, no segundo pretendeu-se perceber quais os conhecimentos que os pais têm sobre os sintomas físicos, emocionais, comportamentais e psicológicos que esperam encontrar numa criança a vivenciar um processo de luto/perda, analisar o que é que os pais consideram como perda e que tipo de variáveis podem influenciar as reações das crianças a uma perda. No terceiro tópico, pretendeu-se conhecer se os pais vivenciaram alguma situação de luto após o nascimento dos seus filhos, se os pais consideram relevante que as crianças participem nos rituais fúnebres e estejam presentes em conversas familiares sobre o assunto, se consideram importante levar a criança a uma consulta de psicologia aquando da vivencia de uma perda significativa, se os pais costumam falar com os seus filhos sobre o tema da perda e do luto e se consideram relevante preparar os filhos para uma perda. No quarto tópico objetivou-se conhecer se existiram situações em que os pais sentiram dificuldades em lidar com os seus filhos aquando de uma perda.

Para avaliar o funcionamento familiar utilizou-se o “Systemic Clinical Outcome and Routine Evaluation” (Score-15), validado para a população portuguesa por Vilaça et al., (2017). É um instrumento de auto-resposta, composto por 15 itens divididos em três

dimensões: Recursos familiares; Comunicação na família; Dificuldades familiares. Para calcular o total do Score-15 utilizou-se a seguinte fórmula: somar todos os itens negativos (2+5+7+8+9+11+12+13+14), subtrair o resultado desta soma a 60 e acrescentar o total dos itens positivos (1+3+6+10+15). Em seguida divide-se o total por 15. Para calcular o resultado para cada dimensão somamos os itens e no caso dos itens negativos subtraímos o resultado a 30 ($DF=30 - (R5+R7+R9+R11+R14)$). Para calcular o resultado médio para cada subescala divide-se o total obtido em cada dimensão por 5 (Vilaça et al., 2017).

A versão portuguesa do instrumento apresenta uma boa consistência interna ($\alpha=.84$) e no presente estudo o SCORE-15 apresentou um valor razoável de consistência interna ($\alpha=.81$). Ao nível das dimensões do instrumento obteve-se uma consistência interna razoável: Recursos familiares ($\alpha=.73$), comunicação na família ($\alpha=.85$) e dificuldades familiares ($\alpha=.78$).

4. Procedimentos

Os questionários foram aplicados através do método “bola de neve”, ou seja, foram entregues em mão vários envelopes a alguns participantes para que fossem passando a outros casais conhecidos com as características pretendidas (Ribeiro, 2010). A sua recolha foi feita após quinze dias e também entregues em mão. Importa referir que inicialmente foram entregues 100 questionários mas que não foram devolvidos na sua totalidade, pois alguns dos possíveis participantes não quiseram fazer parte da investigação por motivos pessoais. Para que os participantes tivessem acesso a toda a informação do que era proposto estudar e caso fosse do seu interesse em participar, elaborou-se uma carta de consentimento informado com o objetivo da investigação e onde assegurava o anonimato e confidencialidade no tratamento e divulgação dos dados. A mesma (anexo 1) foi anexada, dentro de um envelope selado, aos questionários “O luto infantil na perspetiva dos pais” (construído para o efeito) (anexo 2) e “Systemic Clinical Outcome and Routine Evaluation” Score – 15 (Vilaça et al., 2017) (anexo 3).

Capítulo 5 – Apresentação e análise dos resultados

Após a recolha de dados procedeu-se à análise dos resultados através do programa *Statistical Package for the Social Sciences*, versão 24 (*SPSS 24*). Utilizou-se a estatística descritiva (frequências, média e desvio padrão) e a estatística inferencial, mais precisamente a estatística não paramétrica (teste do Qui-Quadrado para amostras independentes e o teste *Mcnemar* para amostras emparelhadas), uma vez que as variáveis em estudo são qualitativas (escala de medida nominal ou ordinal).

Utilizou-se o teste do Qui-Quadrado para analisar a associação entre variáveis nominais e/ou associação entre variáveis nominais ou ordinais (neste caso a associação entre variáveis sociodemográficas e a perceção dos pais sobre o luto infantil e a associação entre o funcionamento familiar e a perceção dos pais sobre o luto infantil). Como refere Maroco (2007) “o teste do Qui-Quadrado (χ^2) serve para testar se duas ou mais populações independentes diferem relativamente a uma determinada característica, *i.e.* se a frequência com que os elementos da amostra se repartem pelas classes de uma variável nominal categorizada é ou não idêntica” (p. 103).

Recorreu-se ao teste *Mcnemar* para analisar a associação entre variáveis nominais dicotómicas de amostras emparelhadas, ou seja, descrever se existe uma concordância entre as respostas do pai e da mãe (Maroco, 2007).

Consideraram-se estatisticamente significativos os testes com $p\text{-value} \leq 0.05$.

Primeiramente procedeu-se à análise descritiva dos resultados e posteriormente à análise inferencial.

1. Análise descritiva

Significado de perda

A maioria dos indivíduos da amostra considerou como perdas significativas a “morte do pai ou mãe” (n=65; 92,9 %), a “morte do avô ou avó” (n=60, 85, 7%), “doença grave do Pai/Mãe” (n=55, 78,6 %), a “morte de alguém afetivamente próximo” (n=52, 74,3 %), a “morte de um irmão” (n=50, 71,4 %), a “separação física de alguém significativo” (n=49; 70,0 %), uma “doença terminal da criança” (n=45, 64,3 %), a “morte de um animal de estimação” (n=43, 61,4 %) e uma “doença grave ou crónica da criança” (n=39, 55,7 %) (tabela 2).

Tabela 2*Situações que constituem, na opinião dos pais, possíveis perdas significativas para a criança*

Perdas significativas	Sim		Não	
	N	%	N	%
Morte do pai ou mãe	65	92.9	4	5.7
Morte do avô ou avó	60	85.7	9	12.9
Doença grave do pai ou da mãe	55	78.6	15	21.4
Morte de alguém afetivamente próximo	52	74.3	18	25.7
Morte do irmão	50	71.4	19	27.1
Separação física de alguém significativo	49	70.0	21	30.0
Doença terminal da criança	45	64.3	25	35.7
Perda de um animal de estimação	43	61.4	27	38.6
Doença grave ou crônica da criança	39	55.7	31	44.3
Situações de catástrofes naturais	26	37.1	44	62.9
Perda de um objeto estimado	20	28.6	50	71.4

Pelo contrário, 71,4% dos participantes (n=50) não percebeu a perda de um objeto estimado como algo significativo e 62,9% dos participantes (n=44) não considerou as situações de catástrofes naturais como uma perda significativa (tabela 2).

Sinais físicos que se pode encontrar numa criança a vivenciar um processo de luto

Os sinais físicos que a maioria dos participantes esperam encontrar numa criança a vivenciar um processo de luto são: perda de apetite (n=54; 77,1 %), aperto no peito (n=50, 71, 4%), insónias (n=49; 70,0%) e falta de energia (n=39; 55,7%) (tabela 3).

Tabela 3*Sinais físicos que os pais consideram que se pode encontrar numa criança a vivenciar um processo de luto*

Sinais físicos	Sim		Não	
	N	%	N	%
Perda de apetite	54	77.1	16	22.9
Aperto no peito	50	71.4	20	26.6
Insónias	49	70.0	21	30.0
Falta de energia	39	55.7	31	44.3
Hipersensibilidade	34	48.6	36	51.4
Nó na garganta	31	44.3	39	55.7
Vazio no estômago	26	37.1	44	62.9
Fadiga	21	30.0	49	70.0
Fraqueza muscular	18	25.7	52	74.3
Outros (Irritabilidade, pesadelos, raiva)	2	2.9	68	97.1

Sinais emocionais, comportamentais e psicológicos que podem encontrar numa criança a vivenciar um processo de luto

Os sinais emocionais, comportamentais e psicológicos que a maioria dos pais esperam poder encontrar numa criança a vivenciar o luto são: “tristeza” (n=65; 92,9%), “diminuição do rendimento escolar” (n=53; 75,7%), “revolta” (n=52, 74,3%) “ataques de choro associados à pessoa falecida” (n=52, 74,3%), “isolamento” (n=44; 62,9%), “ansiedade” (n=44; 62,9%), “irritabilidade” (n=44; 62,9%), “agressividade” (n=40; 57,1%) e “dificuldades no pensamento e concentração” (n=36; 51,4%) (tabela 4).

Verificou-se que a maior parte dos participantes (n=57; 81,4%) considerou que “ideias de acabar com a própria vida” é um sinal pouco frequente em crianças que estão a passar por um processo de luto (tabela 4).

Tabela 4

Sinais emocionais, comportamentais e psicológicos que os pais consideram que se pode encontrar numa criança a vivenciar um processo de luto

Sinais emocionais, comportamentais e psicológicos	Sim		Não	
	N	%	N	%
Tristeza	65	92.9	5	7.1
Diminuição do rendimento escolar	53	75.7	17	24.3
Revolta	52	74.3	18	25.7
Ataques de choro associados a lembranças da pessoa falecida	52	74.3	18	25.7
Isolamento	44	62.9	26	37.1
Irritabilidade	44	62.9	26	37.1
Ansiedade	44	62.9	26	37.1
Agressividade	40	57.1	30	42.9
Dificuldades no pensamento e concentração	36	51.4	34	48.6
Ideias de acabar com a própria vida	13	18.6	57	81.4

Fatores que influenciam as reações das crianças a uma perda

A maioria dos participantes considerou que as reações à perda variam consoante variáveis associadas à criança, nomeadamente: “variam de criança para criança” (n=66; 94,3%), a “personalidade da criança” (n=66; 94,3%) e a “fase desenvolvimento da criança” (n=58; 82,9%). Importa referir que 42,9% (n=30) dos participantes considerou que as reações à perda variam de acordo com o sexo da criança, no entanto, 40,0% (n=28) dos participantes considerou que não (tabela 5).

Seguindo esta linha de raciocínio, os pais também consideram que as reações das crianças à perda diferem das dos adultos (n=54; 77.1%), dependem da perda em si (n=52;

74,3%) e dependem ainda das vivências de perdas em contexto familiar (n=52; 74.3%) (tabela 5).

Tabela 5

Fatores que, na opinião dos pais, influenciam as reações das crianças à perda

Reações à perda	Sim		Não		Não sei	
	N	%	N	%	N	%
As reações à perda variam de criança para criança	66	94.3	3	4.3	1	1.4
As reações à perda variam de acordo com a personalidade da criança	66	94.3	2	2.9	2	2.9
As reações à perda dependem da fase de desenvolvimento em que se encontra a criança	58	82.9	8	11.4	4	5.7
As reações à perda diferem das dos adultos	54	77.1	11	15.7	5	7.1
As reações das crianças dependem da perda em si	52	74.3	9	12.9	9	12.9
As reações das crianças dependem das vivências de perdas em contexto familiar	52	74.3	10	14.3	8	11.4
As reações à perda variam de acordo com o sexo da criança	30	42.9	28	40.0	12	17.1

Consideram que são capazes de identificar os sinais e sintomas associados ao luto dos filhos

A maioria dos participantes sente-se capaz de identificar os sinais e sintomas associados ao luto do seu filho (n=55; 78,6%) (tabela 6). No entanto, 12,9% (n=9) dos participantes afirmou que não sabem se são capazes ou não.

Tabela 6

Percepção dos pais sobre se consideram que conseguem identificar sinais e sintomas associados ao luto dos filhos

	N	%	% Válida	% Cumulativa
Sim	55	78,6	78,6	78,6
Não	5	7,1	7,1	85,7
Não Sei	9	12,9	12,9	98,6
99	1	1,4	1,4	100,0
Total	70	100,0	100,0	

Consideram importante que as crianças vivenciem o processo de perda/luto no seio familiar

A maioria dos indivíduos considerou relevante que as crianças vivenciem o processo de perda/luto no seio familiar 58,6% (n= 41). No entanto, 22,9% (n=16) dos participantes não considerou importante e 15,7% (n=11) afirmou que não sabe (tabela 7).

Tabela 7

Percepção dos pais sobre se consideram importante que as crianças vivenciem o processo de perda /luto no seio familiar

	N	%	% Válida	% Cumulativa
Sim	41	58,6	58,6	58,6
Não	16	22,9	22,9	81,4
Não Sei	11	15,7	15,7	97,1
99	2	2,9	2,9	100,0
Total	70	100,0	100,0	

Consideram importante que a criança participe nos rituais fúnebres ou esteja presente em conversas familiares sobre o assunto

A maioria dos pais (n=31; 44,3%) não considerou importante que a criança participe nos rituais fúnebres ou esteja presente em conversas familiares sobre o assunto. Por outro lado, importa referir que 41,4% dos pais (n=29) considerou importante que as crianças participem nos rituais fúnebres ou estejam presentes nas conversas familiares sobre o assunto.

Consideram relevante levar a criança a uma consulta de psicologia aquando da vivência de uma perda significativa

A maioria dos participantes 42,9% (n=30) considerou que é relevante levar a criança a uma consulta psicológica aquando da vivência de uma perda significativa. Por outro lado, 28,6% (n=20) dos participantes não consideraram importante.

Consideram relevante preparar os filhos para uma perda

A maioria dos pais (n=42; 60,0%) considerou relevante preparar os filhos para uma perda, 22,9 % (n=16) não sabe e 15,7% (n=11) referiu que não é relevante.

Experiência pessoal de luto após o nascimento dos filhos

A maioria dos participantes 55,7% (n= 39) revelou que experienciou uma situação de luto após o nascimento dos filhos (tabela 8). Destes mesmos indivíduos 31,4% (n=22) consideraram que os filhos foram afetados durante este processo e 27,1 % (n=19) considerou que os filhos não foram afetados (tabela 9).

Tabela 8*Experiencia de luto após o nascimento dos filhos*

	N	%	% Válida	% Cumulativa
Sim	39	55,7	55,7	55,7
Não	31	44,3	44,3	100,0
Total	70	100,0	100,0	

Tabela 9*Consideram que os filhos foram afetados durante esse processo*

	N	%	% Válida	% Cumulativa
Sim	22	31,4	31,4	31,4
Não	19	27,1	27,1	58,6
Não Sei	3	4,3	4,3	62,9
99	26	37,1	37,1	100,0
Total	70	100,0	100,0	

Costumam falar com os filhos sobre o tema das perdas e do luto

A maioria dos participantes (n=58; 82,9%) costuma falar com os filhos sobre o luto aquando o assunto ou acontecimento o proporciona (tabela 10).

Tabela 10*Costumam falar com os filhos sobre o tema das perdas e do luto*

	N	%	% Válida	% Cumulativa
Sim	58	82,9	82,9	82,9
Não	8	11,4	11,4	94,3
Não Sei	3	4,3	4,3	98,6
99	1	1,4	1,4	100,0
Total	70	100,0	100,0	

Dificuldade em lidar com os filhos aquando de uma perda

A grande maioria dos participantes (n=56; 80.0%) revelou que nunca sentiu dificuldade em lidar com os filhos aquando de uma perda (tabela 11).

Tabela 11*Dificuldade em lidar com os filhos aquando de uma perda*

	N	%	% Válida	% Cumulativa
Sim	10	14,3	14,3	14,3
Não	56	80,0	80,0	94,3
Não Sei	3	4,3	4,3	98,6
99	1	1,4	1,4	100,0
Total	70	100,0	100,0	

Os participantes que já sentiram dificuldades em lidar com os filhos aquando de uma perda, referiram que as maiores dificuldades foram: “pouca informação sobre o tema do luto” (N=10; 14,3%), “dificuldades em compreender o(s) seu(s) filho(s)” (N= 7; 10,0%), “recusa do(s) seu(s) filho(s) em falar sobre o assunto” (N= 7; 10,0%), “dificuldades em abordar ou tratar destes assuntos relacionados com perdas e mortes” (N= 6; 8,6%), “dificuldades pessoais em lidar com o processo de perda” (N= 6; 8,6%), “dificuldades em lidar com os comportamentos e reações dos filhos” (N= 5; 7,1%), e “dificuldades em abordar os filhos” (N= 4; 5,7%) (tabela 12).

Tabela 12*Principais dificuldades sentidas pelos pais*

Dificuldades dos pais	Sim		Não	
	N	%	N	%
Pouca informação sobre o tema do luto	10	14.3	60	85.7
Dificuldades em compreender o(s) seu(s) filho(s)	7	10.0	63	90.0
Recusa do(s) seu(s) filho(s) em falar sobre o assunto	7	10.0	63	90.0
Dificuldades em abordar ou tratar destes assuntos relacionados com perdas e mortes	6	8.6	64	91.4
Dificuldades pessoais em lidar com o processo de perda	6	8.6	64	91.4
Dificuldades em lidar com os comportamentos e reações do(s) filho(s)	5	7,1	65	92.9
Dificuldades em abordar o(s) filho(s)	4	5.7	66	94.3

Síntese

Analisando os dados anteriores, podemos afirmar que a maioria dos participantes destaca como perdas significativas a morte do pai ou mãe, morte do avô ou avó, doença grave do pai ou mãe e morte de alguém afetivamente próximo. Relativamente aos sinais emocionais, comportamentais e psicológicos que podem observar numa criança a vivenciar o luto, a maioria dos pais referiu esperar encontrar a perda de apetite, aperto no peito, tristeza e diminuição do rendimento escolar como sendo os mais comuns.

Quanto às reações das crianças à perda, a maioria dos pais considerou que estas variam de criança para criança, conforme a personalidade da criança e a fase de desenvolvimento em que esta se encontra.

A maioria dos pais considerou relevante que as crianças vivenciem o processo de perda/luto no seio familiar, contudo, a maioria não considerou importante que a criança participe nos rituais fúnebres ou esteja presente em conversas familiares sobre o assunto.

A maior parte dos pais já experienciou uma situação de luto após o nascimento dos seus filhos e nunca sentiu dificuldades em lidar com os filhos aquando de uma perda.

2. Análise inferencial

Perceção dos pais sobre o luto infantil e variáveis sociodemográficas

Relativamente ao *sexo*, não se verificou uma associação com as seguintes variáveis:

- Perceção dos pais sobre se as reações da criança à perda variam de criança para criança ($\chi^2 = 1,65, p=0.4$); perceção dos pais sobre se as reações da criança à perda variam de acordo com a personalidade da criança ($\chi^2 = 2,324, p=0.3$); perceção dos pais sobre se as reações da criança à perda dependem da fase do desenvolvimento em que a criança se encontra ($\chi^2 = 3,784^a, p=0.1$) e perceção dos pais sobre se as reações da criança à perda variam de acordo com o sexo da criança ($\chi^2 = 2,599, p=0.2$);
- Perceção dos pais sobre se as reações da criança à perda diferem das reações dos adultos ($\chi^2 = ,792, p=0.6$), as reações da criança à perda dependem da perda em si ($\chi^2 = 2,120, p=0.3$), as reações da criança à perda dependem das vivências das perdas em contexto familiar ($\chi^2 = 3,807, p=0.1$);
- Perceção dos pais sobre se numa situação concreta se sentem capazes de identificar os sinais e sintomas associados ao luto no seu filho ($\chi^2 = 1,250, p=0.7$), consideram importante que as crianças vivenciem o processo de perda/luto no seio familiar ($\chi^2 = 2,873, p=0.4$), consideram importante que a criança participe nos rituais fúnebres ou esteja presente em conversas familiares sobre o assunto ($\chi^2 = 3,451, p=0.3$), acha relevante levar a criança a uma consulta de psicologia aquando da vivencia de uma perda significativa ($\chi^2 = 4,259, p=0.2$);
- Perceção dos pais sobre se costumam falar com os filhos sobre o tema das perdas e do luto ($\chi^2 = 1,887, p=0.5$), consideram que é importante prepara os filhos para

uma perda ($\chi^2 = 2,228, p=0.5$), já houve situações em que sentiram dificuldade em lidar com os filhos aquando de uma perda ($\chi^2 = 2,714, p=0.4$).

Relativamente às *habilidades literárias*, não se verificou uma associação com as seguintes variáveis:

➤ Perceção dos pais sobre se as reações da criança à perda variam de acordo com variáveis relacionadas com a criança, nomeadamente: se as reações à perda variam de criança para criança ($\chi^2 = 11,207, p=0.1$), variam de acordo com a personalidade da criança ($\chi^2 = 6,417, p=0.6$), dependem da fase do desenvolvimento em que a criança se encontra ($\chi^2 = 5,910, p=0.6$) e variam de acordo com o sexo da criança ($\chi^2 = 14,842, p=0.06$);

➤ Perceção dos pais sobre se as reações da criança à perda diferem das reações dos adultos ($\chi^2 = 5,623, p=0.6$), as reações da criança à perda dependem da perda em si ($\chi^2 = 8,773, p=0.3$), as reações da criança à perda dependem das vivências das perdas em contexto familiar ($\chi^2 = 4,691, p=0.7$);

➤ Perceção dos pais sobre se numa situação concreta se sentem capazes de identificar os sinais e sintomas associados ao luto no seu filho ($\chi^2 = 15,831, p=0.1$), consideram importante que as crianças vivenciem o processo de perda/luto no seio familiar ($\chi^2 = 13,817, p=0.3$), consideram importante que a criança participe nos rituais fúnebres ou esteja presente em conversas familiares sobre o assunto ($\chi^2 = 16,374, p=0.1$), acha relevante levar a criança a uma consulta de psicologia aquando da vivencia de uma perda significativa ($\chi^2 = 16,011, p=0.1$);

➤ Perceção dos pais sobre se costumam falar com os filhos sobre o tema das perdas e do luto ($\chi^2 = 16,503, p=0.1$), consideram que é importante prepara os filhos para uma perda ($\chi^2 = 16,670, p=0.1$), já houve situações em que sentiram dificuldade em lidar com os filhos aquando de uma perda ($\chi^2 = 12,682, p=0.3$).

Relativamente à *profissão*, é de salientar que os resultados indicaram uma associação significativa entre esta variável e a perceção dos pais sobre se as reações das crianças à perda dependem da fase do desenvolvimento em que a criança se encontra ($\chi^2 = 37,661, p=0.01$). Assim, os indivíduos com profissões com um nível de qualificação mais elevado consideraram que as reações das crianças à perda dependem da fase de desenvolvimento em que estas se encontram.

Pelo contrário, não se verificou uma associação significativa entre a profissão e as seguintes variáveis:

- Perceção dos pais sobre se as reações da criança à perda variam de acordo com variáveis relacionadas com a criança, nomeadamente: se as reações à perda variam de criança para criança ($\chi^2 = 11,659, p=0.9$), variam de acordo com a personalidade da criança ($\chi^2 = 14,334, p=0.8$) e variam de acordo com o sexo da criança ($\chi^2 = 22,165, p=0.3$);
- Perceção dos pais sobre se as reações da criança à perda diferem das reações dos adultos ($\chi^2 = 15,396, p=0.7$), as reações da criança à perda dependem da perda em si ($\chi^2 = 23,229, p=0.2$), as reações da criança à perda dependem das vivências das perdas em contexto familiar ($\chi^2 = 25,902, p=0.1$);
- Perceção dos pais sobre se numa situação concreta se sentem capazes de identificar os sinais e sintomas associados ao luto no seu filho ($\chi^2 = 82,903, p=0.0$), consideram importante que as crianças vivenciem o processo de perda/luto no seio familiar ($\chi^2 = 24,552, p=0.7$), consideram importante que a criança participe nos rituais fúnebres ou esteja presente em conversas familiares sobre o assunto ($\chi^2 = 27,677, p=0.5$), acha relevante levar a criança a uma consulta de psicologia aquando da vivencia de uma perda significativa ($\chi^2 = 24,075, p=0.7$);
- Perceção dos pais sobre se costumam falar com os filhos sobre o tema das perdas e do luto ($\chi^2 = 31,420, p=0.3$), consideram que é importante prepara os filhos para uma perda ($\chi^2 = 22,756, p=0.8$), já houve situações em que sentiram dificuldade em lidar com os filhos aquando de uma perda ($\chi^2 = 13,212, p=0.9$).

Perceção do funcionamento familiar

No que concerne à avaliação do funcionamento familiar, e tendo em conta que no Score 15 resultados mais baixos correspondem a um melhor funcionamento familiar, pode-se considerar que os participantes da amostra revelaram uma perceção de um bom funcionamento familiar, tanto no resultado final da escala (M=2,0; DP=0,6) (tabela 13), como para cada dimensão avaliada: recursos familiares (M=1,6; DP=0,5), comunicação na família (M=2,1; DP=0,8) e dificuldades familiares (M=2,2; DP=0,8) (tabela 14).

Tabela 13*Percepção do funcionamento familiar – média total do Score 15*

Resultado total		
N	Válido	70
	Ausente	0
M		2,070
DP		,6106
Mín		1,0
Max		3,6

Tabela 14*Percepção do funcionamento familiar – média das dimensões do Score 15*

Score 15 – dimensões				
		Recursos familiares	Comunicação na família	Dificuldades familiares
N	Válido	70	70	70
	Omisso	0	0	0
M		1,697	2,177	2,213
DP		,5445	,8830	,8550
Mín		1,0	1,0	1,0
Max		2,8	4,8	5,0

Associação entre o funcionamento familiar e a percepção de luto infantil dos pais

Não se verificou uma associação significativa entre o funcionamento familiar e a percepção dos pais sobre se as reações das crianças à perda depende das vivências de perdas em contexto familiar ($\chi^2= 49,560, p=0.3$), se experienciaram alguma situação de luto após o nascimento dos seus filhos ($\chi^2= 18,224, p=0.7$), numa situação concreta sente-se capaz de identificar os sinais e sintomas associados ao luto no seu filho ($\chi^2= 65,892, p=0.5$), acha importante que as crianças vivenciem o processo de perda/luto no seio familiar ($\chi^2= 63,838, p=0.6$), acha importante que a criança participe nos rituais fúnebres ou esteja presente nas conversas familiares sobre o assunto ($\chi^2= 54,232, p=0.9$), acha relevante levar a criança a uma consulta de psicologia aquando da vivência de uma perda significativa ($\chi^2= 59,163, p=0.7$), costuma falar com os seu filhos sobre o tema das perdas e do luto ($\chi^2= 44,674, p=0.9$), considera que é importante preparar os seu filhos para uma perda ($\chi^2= 42,686, p=0.9$), já houve situações em que sentiu dificuldade em lidar com os seus filhos aquando de uma perda ($\chi^2= 45,117, p=0.9$).

Comparação entre a percepção de luto infantil do par parental

Verificou-se uma concordância entre as respostas do pai e da mãe na identificação de situações que constituem possíveis perdas para a criança, nomeadamente: a morte do pai ou mãe ($p = 0.000$), morte do avô ou avó ($p = 0.000$), morte de alguém afetivamente próximo ($p = 0.019$) (tabela 15).

Tabela 15

Percepção entre os membros do casal sobre situações que constituem possíveis perdas significativas para a criança

Situações de perda	Feminino		Masculino		Teste
	Sim	Não	Sim	Não	McNemar
Morte do pai ou mãe	25	1	24	2	0.000
Morte do avô ou avó	23	3	22	4	0.000
Morte de um irmão	20	6	17	9	0.061
Morte de alguém afetivamente próximo	20	6	19	7	0.019
Separação física de alguém afetivamente próximo	16	10	20	6	0.052
Perda de um objeto estimado	9	17	7	9	0.087
Perda de um animal de estimação	16	10	16	10	0,327
Doença grave ou crónica da criança	16	10	11	15	1,000
Doença terminal da criança	16	10	17	9	0,230
Doença grave do pai ou mãe	21	5	18	8	0,24
Situações de catástrofes naturais	8	18	11	15	0,210

Verificou-se uma concordância entre as respostas do pai e a mãe na identificação de sinais físicos que podem encontrar numa criança quando vivencia um processo de luto, nomeadamente: fraqueza muscular ($p = 0,043$), perda de apetite ($p = 0,004$), insónia ($p = 0,035$) (tabela 16).

Tabela 16

Percepção entre os membros do casal sobre os sinais físicos que podem encontrar numa criança a vivenciar um processo de luto

Sinais físicos	Feminino		Masculino		Teste McNemar
	Sim	Não	Sim	Não	
Vazio no estômago	9	17	11	15	0,307
Aperto no peito	18	8	18	8	0,076
Nó na garganta	10	16	11	15	0,424
Hipersensibilidade	10	16	13	13	0,678
Fraqueza muscular	7	19	8	18	0,043
Falta de energia	14	12	15	11	0,690
Perda de apetite	20	6	21	5	0,004
Insónia	17	20	6	9	0,035
Fadiga	8	18	8	18	0,076

Verificou-se uma concordância entre as respostas do pai e da mãe na identificação de sinais emocionais, comportamentais e psicológicos que se pode encontrar numa criança a vivenciar o luto, nomeadamente: tristeza ($p = 0,000$), isolamento ($p = 0,043$), revolta ($p = 0,002$), diminuição do rendimento escolar ($p = 0,019$), ataques de choro associados a lembranças da pessoa falecida ($p = 0,029$), ideias de acabar com a própria vida ($p = 0,001$) (tabela 17).

Tabela 17

Percepção entre os membros do casal sobre os sinais emocionais, comportamentais e psicológicos que se pode encontrar numa criança a vivenciar um processo de luto

Sinais emocionais, comportamentais e psicológicos	Feminino		Masculino		Teste McNemar
	Sim	Não	Sim	Não	
Tristeza	25	1	24	2	0,000
Isolamento	18	8	19	7	0,043
Revolta	15	11	24	2	0,002
Diminuição do rendimento escolar	20	6	19	7	0,019
Agressividade	15	11	17	9	0,307
Irritabilidade	17	9	15	11	0,345
Ataques de choro associados a lembranças da pessoa falecida	19	7	19	7	0,029
Ansiedade	16	10	16	10	0,327
Ideias de acabar com a própria vida	4	22	5	21	0,001
Dificuldades no pensamento e concentração	14	12	12	14	1,000

Os resultados indicaram uma concordância entre as respostas do pai e da mãe no que concerne à percepção das reações da criança à perda, nomeadamente: as reações da criança à perda variam de criança para criança ($p = 0,000$), as reações à perda variam de acordo com a personalidade da criança ($p = 0,000$), as reações à perda dependem da fase do desenvolvimento em que se encontra a criança ($p = 0,001$), as reações das crianças à perda diferem das dos adultos ($p = 0,004$) e as reações das crianças depende das vivências de perdas em contexto familiar ($p = 0,043$) (tabela 18).

Tabela 18*Percepção entre os membros do casal sobre as reações das crianças à perda*

Reações das crianças à perda	Feminino		Masculino		Teste McNemar
	Sim	Não/Não sei	Sim	Não/Não sei	
As reações à perda variam de criança para criança	25	1	23	3	0,000
As reações à perda variam de acordo com a personalidade da criança	25	2	23	3	0,000
As reações à perda dependem da fase do desenvolvimento em que se encontra a criança	19	7	23	3	0,001
As reações à perda variam de acordo com o sexo da criança	11	15	14	12	1,000
As reações das crianças à perda diferem das dos adultos	18	8	22	4	0,004
As reações das crianças dependem da perda em si	20	6	17	9	0,061
As reações das crianças dependem das vivências de perdas em contexto familiar	21	5	17	9	0,043

Não se verificou uma concordância entre as respostas do pai e da mãe relativamente à experiência de luto após o nascimento dos filhos ($p = 0,0851$), se consideram importante que a criança participe nos rituais fúnebres ou esteja presente em conversas familiares sobre o assunto caso a criança assim o queira ($p = 0,286$), se acham relevante levar a criança a uma consulta de psicologia aquando da vivência de uma perda significativa ($p = 0,701$), consideram que é importante preparar os seus filhos para uma perda ($p = 0,424$).

Verificou-se uma concordância entre as respostas do pai e da mãe relativamente à questão se costumam falar com os seus filhos sobre o tema das perdas e do luto ($p = 0,002$) (tabela 19)

Tabela 19*Percepção entre os membros do casal sobre se costumam falar com os filhos sobre o tema das perdas e do luto*

Se costumam falar com os filhos sobre perdas/luto	Feminino		Masculino		Teste McNemar
	Sim	Não/Não sei	Sim	Não/Não sei	
Costuma falar com os seus filhos sobre o tema das perdas e do luto	21	5	21	5	0,002

Síntese

De acordo com os resultados expostos, não se verificou uma associação entre a percepção dos pais sobre o luto na infância e variáveis sociodemográficas, nomeadamente o sexo, as habilitações literárias e a profissão. No mesmo sentido, não se constatou uma associação entre a percepção de luto dos pais e o funcionamento familiar. Os resultados indicaram que os membros do par parental revelam percepções de luto semelhantes sobre o processo de luto nas crianças

Capítulo 6 – Discussão dos resultados

Neste capítulo é apresentada a discussão dos resultados obtidos à luz da bibliografia consultada para o efeito, procurando-se assim dar-lhes um sentido em função do contexto e do momento da realização do estudo. Note-se que os resultados serão discutidos em função dos principais objetivos definidos no presente estudo: caracterização da perspectiva dos pais sobre o luto infantil, experiência pessoal dos pais com situações de luto, relação entre variáveis sociodemográficas e a percepção dos pais sobre o luto infantil, relação entre funcionamento familiar e percepção de luto e comparação entre a percepção de luto infantil do pai e da mãe.

1. Caracterização da perspectiva dos pais sobre o luto infantil

O que os pais consideram como perdas significativas

No presente estudo procurou-se entender o que é que os pais consideram como uma perda significativa para a criança. Neste sentido, a maioria dos pais considerou: a morte do pai ou mãe, morte do avô ou avó, doença grave do pai/mãe, morte de alguém afetivamente próximo, morte de um irmão, separação física de alguém significativo, uma doença terminal da criança, morte de um animal de estimação e uma doença grave ou crónica da criança. De uma forma geral, o que os pais consideram como perdas significativas vai ao encontro do que a literatura científica da área preconiza. A morte de um dos pais, avós, irmão, separação física de alguém significativo, morte ou fuga do animal de estimação, entre outras perdas, afetam profundamente a vida da criança (Leandro & Freitas, 2015; Lima & Kovács, 2011). Contudo, seria de esperar que uma maior percentagem de pais tivesse destacado a “morte de um irmão”, “doença terminal na criança” e a “doença grave ou crónica da criança”, pois de acordo com a teoria qualquer uma destas perdas pode ser traumática e gera uma situação de grande sofrimento emocional na criança. Esta e a sua família terão que se adaptar às alterações na estrutura familiar e ao cansaço emocional e físico dos restantes membros, enquanto ao mesmo tempo tem que lidar com os seus próprios sentimentos (Leandro & Freitas, 2015; Lima & Kovács, 2011; Ramos, 2015; Valduga & Hoch, 2012; Vieira & Lima, 2002).

Importa salientar ainda que a maioria dos pais não considerou as situações de catástrofes naturais e a perda de um objeto estimado como perdas significativas. De acordo com a teoria as consequências psicossociais de episódios desta natureza podem ser profundas. No caso de uma catástrofe os indivíduos afetados, direta e indiretamente, poderão experimentar um sofrimento prolongado e ter que lidar com a perda de pessoas importantes e bens significativos. Vários estudos demonstraram que muitos dos sobreviventes de desastres

naturais apresentam sequelas físicas e reações psicológicas profundas nos momentos que se seguem ao acontecimento traumático, apesar de apenas só uma pequena percentagem destes indivíduos manterem estes sintomas incapacitantes a longo prazo (Coutinho & Figueira, 2013; Neria & Shultz, 2013). Também a perda de um objeto estimado provoca à criança um sofrimento que dependerá da qualidade das relações estabelecidas com o mesmo. Os objetos fazem parte da vida da criança e têm o seu peso emocional, pois esta interage com eles levando a que surjam várias memórias associadas aos mesmos que despoletam determinadas emoções prazerosas (Almeida, 2005; Gibson, 2010; Gomes & Gonçalves, 2015). Estes resultados poderão indicar que os pais não estão ainda sensibilizados para este tipo de perdas, sendo necessárias investigações futuras para melhor compreender as suas crenças.

Sinais físicos, emocionais, comportamentais e psicológicos que esperam encontrar numa criança a vivenciar o processo de luto

Quando questionados acerca dos sinais físicos que podem encontrar numa criança a vivenciar um processo de luto, a maioria dos pais da amostra referiu a “perda de apetite”, “aperto no peito”, “insónias”, “falta de energia” e “hipersensibilidade”. Pelo contrário, a maioria dos pais não considerou a “fadiga” e a “fraqueza muscular” como sinais físicos que as crianças podem manifestar quando enfrentam um processo de luto. Relativamente aos sinais emocionais, comportamentais e psicológicos, a maioria dos pais destacou os seguintes: “tristeza”, “diminuição do rendimento escolar”, “revolta”, “ataques de choro associados à pessoa falecida”, “isolamento”, “irritabilidade” e ansiedade”. Estes sinais e comportamentos identificados pelos participantes vão ao encontro da literatura consultada, que refere que o luto envolve uma série de respostas e comportamentos que levam algum tempo para serem ultrapassados e que negados de forma prolongada podem levar a que possam persistir posteriormente (Akerman & Statham, 2014; Bowlby-West, 1983; Dyregrov & Dyregrov, 2013; Gomes & Gonçalves, 2015; Habekoste & Areosa, 2011; Leandro & Freitas, 2015; Murray, 2005; Ramos, 2015; Schonfeld & Demaria, 2015). É importante que os pais consigam identificar possíveis sinais relacionados com o luto na criança, para que possam ajudá-la da melhor forma, normalizando estes sinais sem os confundir com determinadas patologias (Akerman & Statham, 2011).

Interessa destacar que a maioria dos participantes disse esperar encontrar a “diminuição do rendimento escolar” como um sinal emocional, comportamental e psicológico numa criança a experienciar o luto, mas apenas 51,4% dos participantes considerou as “dificuldades no pensamento e concentração”, quando a teoria refere a existência de uma

relação entre estes dois aspetos, pois, conforme a idade da criança, podem se verificar alterações no comportamento, maior irritabilidade, menor capacidade de concentração e, conseqüentemente, uma diminuição do rendimento na escola (Graydon, Jimerson, & Fischer, 2010).

A maior parte dos participantes consideraram ainda que “ideias de acabar com a própria vida” é um sinal pouco frequente em crianças que estão a passar por um processo de luto. De acordo com a literatura as crianças também podem cometer o suicídio. Esta opinião dos pais poderá ser explicada pela crença de que na criança o suicídio não existe por causa da sua imaturidade. Torna-se assim fundamental perceber que o mesmo pode ocorrer em qualquer idade, inclusive durante a infância, e que a falta de meios para que as crianças consigam resolver alguns dos seus problemas, torna-as potencialmente vulneráveis. Os conflitos familiares, em que a inflexibilidade e tensões entre os membros da família criam obstáculos à comunicação e ao seu funcionamento saudável, e morte de alguém significativo são fatores importantes que podem contribuir para as ideias suicidas (Kuczynski, 2014; Sousa, Santos, Silva, Perrelli, & Sougey, 2017).

Fatores que influenciam as reações das crianças a uma perda

A maioria dos pais afirmou que as reações das crianças à perda variam consoante as seguintes variáveis: “de criança para criança”, “personalidade da criança”, “fase de desenvolvimento da criança”, “diferem das dos adultos”, “dependem da perda em si” e “dependem ainda das vivências de perdas em contexto familiar”. Isto vai ao encontro da literatura consultada, que refere que o luto na criança é definido como o procedimento necessário na adaptação à perda e, apesar de passar pelas mesmas fases de luto do adulto, deve-se ter sempre em consideração o desenvolvimento cognitivo da criança, o desenvolvimento emocional, as suas competências sociais, personalidade, experiências de perdas anteriores, entre outros, levando a que tenham também necessidades diferentes para ultrapassar esse acontecimento (Mello & Baseggio, 2013; Franco & Mazorra, 2007; Hispagnol & Marras, 2015; Rodrigues, 2010; Souza et al., 2017).

Relativamente à fase de desenvolvimento da criança, importa referir que é um dos principais fatores que influenciam as reações à perda, sobretudo do ponto de vista cognitivo. Até aos seis anos de idade as crianças não são capazes de compreender as noções de permanente e temporário e, como tal, percebem a morte como reversível e evitável. Durante a idade escolar, sobretudo a partir dos nove anos, as crianças começam a encarar a morte de uma forma mais racional e procuram explicações científicas sobre a mesma,

começando a ser capazes de compreender este conceito como algo irreversível e definitivo (Krepia et al., 2017).

Por outro lado, importa referir que 42.9% dos pais consideraram que as “reações à perda variam de acordo com o sexo da criança”, e 40% considerou que não. Segundo a teoria existente as diferenças de género influenciam na forma como as crianças lidam com as perdas. As crianças do sexo masculino ajustam-se mantendo os seus sentimentos mais privados na esperança de que com o tempo melhorem e normalmente procuram distanciar-se o mais possível do que lhes provoca dor. As raparigas, por outro lado, procuram mais facilmente ajuda externa para efetuarem um melhor ajustamento à perda, partilhando mais facilmente as suas emoções, falam mais frequentemente desse acontecimento em casa, demonstram por vezes maiores dificuldades de concentração e podem ser mais ansiosas (Aloka, Odanga, & Raburu 2015; Parkes, 1998; Rijo, 2004). Existem algumas evidências de que os rapazes exibem níveis mais elevados de dificuldades comportamentais e emocionais após o luto. Estes normalmente exibem problemas de comportamento externalizante e as raparigas mais problemas de internalização (Akerman & Statham, 2011). Estas diferenças de género estão relacionadas com algumas idiosincrasias culturais que levam a que homens e mulheres lidem com o processo de perda de forma diferente, sendo então importante que os técnicos de saúde tenham isto em conta nas suas intervenções.

Vivência do processo de perda/luto no seio familiar

A maioria dos participantes considerou relevante “que as crianças vivenciem o processo de perda/luto no seio familiar”, “preparar os filhos para uma perda” e “levar a criança a uma consulta psicológica aquando da vivência de uma perda significativa”, sendo que estas respostas vão ao encontro da teoria consultada. A forma como a criança processa a perda está intimamente relacionada com o modo como a respetiva família e o adulto responsável processam a mesma. Isto ajuda-as a canalizar as suas energias para a redefinição e reconstrução das suas expectativas, permitindo à criança readquirir o controlo e autoconfiança (Leandro & Freitas, 2015; Paiva, 2011; Sassi, 2014; Schoen et al., 2013).

A maioria dos pais afirma ainda que é relevante preparar os filhos para uma perda, sendo que esta opinião vai também ao encontro do que a literatura existente preconiza. Não preparar as crianças para uma perda pode implicar complicações ao nível do seu desenvolvimento e do seu processo de luto. É essencial para a criança que esta preparação para a perda ocorra antecipadamente, sem que lhe seja negada uma explicação, pois o tema da

morte deve ser abordado inclusivamente na infância (Kovács, 2015; Lima & Kovács, 2011; Salvagni, Savegnago, Gonçalves, Quintana, & Beck, 2013; Torres, 1979).

A maioria dos participantes responderam afirmativamente à questão “sente-se capaz de identificar os sinais e sintomas associados ao luto do seu filho”. Segundo alguns estudos é importante que os pais percebam que muitas vezes os filhos não comunicam apenas verbalmente os seus sentimentos, o que pode dificultar a identificação dos sinais e sintomas, levando a que lhes sejam atribuídas erradamente outras causas (Akerman & Statham, 2014; Mello & Baseggio, 2013).

Consultas de psicologia e rituais fúnebres

Tal como os pais responderam, também a literatura destaca a importância do recurso ao apoio psicológico quando necessário, porque ajuda a criança a entender e começar a aceitar a morte, de maneira a que esta identifique, lide e exprima os seus sentimentos e reações daí decorrentes. Cabe assim ao adulto perceber, face ao comportamento manifestado pela criança, se é necessário proceder ao encaminhamento da mesma (Assayag et al., 2014; Habekoste & Areosa, 2011; Schonfeld & Demaria, 2015; Weintraub, Noal, Vicente, & Knobloch, 2014).

Por outro lado, a maioria dos pais não considerou “importante que a criança participe nos rituais fúnebres ou esteja presente em conversas familiares sobre o assunto”. A literatura científica da área considera que as crianças devem participar nos rituais pois ajuda-as no processo de elaboração do luto. É importante que os pais partilhem o máximo de informação possível com os seus filhos sobre o que vão encontrar nos rituais fúnebres e que estes participem nos mesmos caso o desejem, pois isso vai permitir-lhes acompanhar todo o processo, dando-lhes assim a oportunidade de verem uma última vez a pessoa falecida e, conseqüentemente, despedirem-se dela. A sua exclusão pode levar ao seu isolamento e poderá despoletar sensações de culpa, mas por outro lado, forçá-las a participar pode originar memórias traumáticas (Cerel et al., 2001; Dyregrov, 1996; Reimers, 1999).

2. Experiência pessoal dos pais

A maioria dos participantes da amostra afirmou que já experienciou “uma situação de luto na família após o nascimento dos filhos”, que os seus “filhos foram afetados durante este processo” e que “costumam falar com os filhos sobre o luto quando o assunto ou acontecimento o proporciona”, o que vai ao encontro da bibliografia existente. O sistema familiar tem qualidades além das dos seus membros, pois para além do luto da família enquanto sistema integrado, cada membro faz individualmente o seu luto, sendo este então

um processo que afecta todos os elementos obrigando-os a se reorganizarem (Bowen, 1976; Delalibera et al., 2015; Walsh & McGoldrick, 1998).

É importante falar com a criança sobre tudo o que envolve a perda, e segundo a literatura, existem dois tipos de pais: a) pais que têm disponibilidade para falar com os filhos sobre o tema da morte e que, no caso desta afetar a família, permitem que a criança participe no seu processo de luto, nos rituais e expresse de forma clara e aberta os seus pensamentos e sentimentos; b) pais que evitam a todo o custo falar com os filhos sobre a morte, considerando que desta forma estão a proteger os filhos de uma experiência traumática (Silverman & Weiner, 1995). É então relevante que os pais esclareçam as dúvidas das crianças, facilitando a adaptação à perda, que se sintam à vontade para falar dos seus medos e para que possam atribuir um significado ao que aconteceu (Schonfeld & Demaria, 2015).

Importa também destacar que a maioria dos pais revelou “que nunca sentiu dificuldade em lidar com os filhos aquando de uma perda”. Esta posição é contrária à teoria existente, pois os pais mostram-se muitas vezes desorientados e perturbados com o comportamento dos filhos, porque estes colocam-lhes questões com as quais não se sentem à vontade e que muitas vezes não sabem responder. Os pais, de uma forma geral, apresentam dificuldades em conversar com os filhos e, conseqüentemente, esclarecer muitas das suas dúvidas relativamente à morte devido à pouca informação disponível e dificuldades pessoais em lidar com este tema (Mello & Baseggio, 2013; Feliú, 2009; Leandro & Freitas, 2015; Lima & Kovács, 2011; Pereira et al., 2015).

3. Perceção de luto e variáveis sociodemográficas (sexo, habilitações literárias e profissão)

Não se verificou uma associação entre a perceção dos pais sobre o luto infantil e as variáveis sexo, habilitações literárias e profissão. Contudo, os resultados indicaram que os indivíduos com profissões com um nível de qualificação mais elevado consideraram que as reações das crianças à perda dependem da fase de desenvolvimento em que se encontram. De acordo com Gomide (2009) os conhecimentos adquiridos pelos pais através da sua formação profissional, relacionamento com outros profissionais e acesso facilitado a conteúdos relevantes não são aparentemente suficientes para melhorar as suas práticas educativas. O desempenhar de uma profissão com maior status nem sempre favorece os pais na aquisição de informações e competências que os distingam de outros com menos formação.

Contudo, o grau educacional e profissional dos pais tem um considerável peso na vida dos filhos porque favorece uma maior produtividade no tempo investido na formação e no

acompanhamento das crianças. Pais mais bem-sucedidos escolar e profissionalmente têm normalmente uma influência mais positiva e um maior envolvimento na educação das crianças e sua motivação para a aprendizagem, conhecimento do que deve ser o seu desenvolvimento, perseverança e comportamento social (Ermisch & Pronzato, 2010; Menheere & Hooge, 2010).

4. Funcionamento familiar e percepção dos pais sobre o luto infantil

Um dos objetivos do presente estudo foi descrever a percepção dos pais sobre o seu funcionamento familiar e perceber se existe alguma relação entre este e a percepção de luto. A maioria dos pais que constituem a amostra percebeu que tem um bom funcionamento familiar. Por outro lado, não se encontrou uma associação entre a percepção de luto infantil dos pais e o funcionamento familiar. O luto é um processo individual mas também relacional, no sentido que os indivíduos elaboram o luto no contexto das suas relações com os outros, sobretudo os outros significativos, assumindo o contexto familiar particular relevância. De facto, as características do sistema familiar podem afetar a forma como os indivíduos processam as perdas e elaboram o luto. Neste sentido, o processo de luto pode ser facilitado ou dificultado com base no nível de afeto, comunicação e coesão entre os membros da família (Traylor et al., 2003).

Seria de esperar uma associação entre a percepção de luto infantil e o funcionamento familiar, pois segundo a literatura famílias com um funcionamento saudável apresentam uma melhor percepção dos problemas que afetam os seus membros, toleram com mais facilidade as diferenças de opinião entre estes, percebem e lidam com os problemas de forma mais construtiva e podem possuir baixos níveis de problemas psicossociais. A família ao ser colocada perante uma situação de crise, isso provoca uma alteração no seu funcionamento que normalmente origina um desequilíbrio e leva a que esta procure restabelecer o equilíbrio que perdeu enquanto sistema, adaptando-se à nova realidade (Mello & Baseggio, 2013; Cover 2015; Kissane et al., 2006; Oliveira, Luginger, Bernardo, & Brito, 2004; Seibel, Falceto, Hollist, Springer, Fernandes, & Koller, 2017). Interessou então entender o funcionamento familiar, pois este influencia a forma como os seus membros se vão relacionar, comunicar e apoiar durante os períodos mais difíceis, pois é no contexto familiar que se vivenciam muitas das perdas e estas podem deixar marcas até ao final das suas vidas. Os técnicos devem assim estar sensibilizados para a importância de compreender como a família funciona e identificar potenciais problemas que possam complicar o seu luto, levando a um processo mais

prolongado, e assim intervir atempadamente de forma eficaz e adaptada àquela família em particular.

5. Percepção de luto infantil do par parental

Os casais têm uma forma de pensar e funcionar enquanto díade, mas também do ponto de vista individual. Cada membro do casal tem as suas próprias crenças sobre determinados temas, inclusive sobre o luto infantil. Importa perceber que percepções os pais manifestam, pois estas podem condicionar a forma como ambos compreendem e reagem ao luto dos filhos.

Os resultados evidenciaram uma concordância entre os membros do casal na identificação de situações que constituem possíveis perdas para a criança, nomeadamente: “a morte do pai ou mãe”, “morte do avô ou avó”, “morte de alguém afetivamente próximo” e “doença grave do pai ou mãe”. De igual modo, verificou-se que os membros de cada casal concordam na identificação de sinais físicos, emocionais, comportamentais e psicológicos que podem encontrar numa criança quando vivencia um processo de luto. Os resultados indicaram ainda concordância entre os membros do casal no que concerne à percepção das reações da criança à perda, nomeadamente: as “reações da criança à perda variam de criança para criança”; as “reações à perda variam de acordo com a personalidade da criança”; as “reações à perda dependem da fase do desenvolvimento em que se encontra a criança”; as “reações das crianças à perda diferem das dos adultos”; e “as reações das crianças dependem das vivências de perdas em contexto familiar”. Também se constatou uma concordância entre os membros do casal relativamente à questão se “costumam falar com os filhos sobre o tema das perdas e do luto”.

Estes resultados, ao contrário do esperado, demonstram que tanto o pai como a mãe revelam uma percepção muito semelhante do luto infantil. Seria de esperar que pais e mães apresentassem diferentes opiniões sobre o luto, sobretudo devido a fatores culturais e relacionais, uma vez que a sociedade lhes impõe papéis diferentes. Contudo, atualmente as famílias organizam-se de diferentes formas e, ao contrário do que acontecia anteriormente, em que o pai e a mãe tinham papéis muito específicos, são hoje muito mais flexíveis. A sociedade exige que o pai adopte uma nova postura, impondo-lhe que esteja mais presente e envolvido nos assuntos familiares e na educação dos filhos (Gabriel & Dias, 2011; Wall et al., 2016).

Por outro lado, alguma literatura refere que na família é ainda atribuído um papel mais tradicional à mulher, no qual ela é ainda a principal responsável pela execução das tarefas domésticas e educação dos filhos. Em resultado disto as mães podem estabelecer uma relação mais próxima com as crianças, levando a que tenham eventualmente uma perspetiva diferente

dos pais no que se refere a determinados assuntos (Canavarro, 2004; Ceka & Murati, 2016; Matias, Silva, & Fontaine, 2011).

Importa sublinhar que os pais e as mães estão de acordo naquilo que consideram como perdas mais significativas para a criança: “morte do pai/mãe”, “morte da avó/avô” e “morte de alguém afetivamente próximo”. Estas figuras são, normalmente, os cuidadores das crianças e presume-se que os pais as considera-las como perdas mais significativas, isso poderá estar relacionado com a sua preocupação e medo que lhes aconteça algo e os filhos fiquem desprotegidos. Neste sentido, seria interessante em futuras investigações compreender quais são os medos que inquietam os pais relativamente ao tema das perdas e do luto.

Parte III - Conclusões

O processo de perda e conseqüente luto é algo natural, cultural, social, transgeracional e comum a todos os indivíduos e a forma de lidar com a perda é idiossincrática. O luto despoleta um conjunto de respostas e sinais físicos, emocionais, comportamentais e cognitivos, que são influenciados por aspetos internos e externos do sujeito. O processo de luto pode então decorrer de vários tipos de perdas e não apenas no decurso da morte de alguém, não se devendo minimizar o impacto destas perdas na vida do indivíduo (Melo, 2004; Pereira et al., 2015).

Tal como os adultos, as crianças também sentem a perda de alguém ou algo significativo e vivenciam o luto. Os pais têm então um papel preponderante neste processo pois são os principais promotores do seu desenvolvimento, ajudando-os na maneira como experienciam e lidam com este processo, para que o possam resolver de forma bem-sucedida (Almeida, 2005; Ramos, 2016; Torres, 1979).

Relativamente ao luto infantil, a teoria refere que este tem as suas especificidades e que resultam principalmente nas diferenças de tempo que a criança necessita para processá-lo (Ramos, 2016). A forma como as crianças lidam com a dor de uma perda dependerá ainda de vários fatores, desde o vínculo afetivo que mantinham com a pessoa ou objeto perdido, sua personalidade, estágio de desenvolvimento cognitivo, experiências de perdas anteriores, contexto familiar, entre outros (Almeida, 2005; Torres, 1979).

De uma forma geral, a sociedade na tentativa de proteger a criança assume erradamente que esta não tem capacidade para compreender as perdas, sobretudo a perda por morte, e procura afastá-la de todo o processo, acabando por isolá-la (Mello & Baseggio, 2013; Hispagnol & Marras, 2015; Lima & Kovács, 2011). Este comportamento pode levar a perturbações no desenvolvimento da criança e dificultar o seu processo de luto (Melo, 2004). É assim essencial que os pais aprendam a lidar de forma ajustada com o luto dos seus filhos, integrando-os no processo para que se sintam parte da família.

Também a forma como a família funciona pode influenciar a maneira como os seus membros vivenciam e experienciam o processo de luto, inclusivamente a criança. Durante o luto esta dependerá da ajuda da sua família para confortá-la, responder às suas angústias e ajudá-la com a sua saudade (Mello & Baseggio, 2013; Leandro & Freitas, 2015; Lima & Kovács, 2011).

Considerando as limitações encontradas na revisão da literatura sobre a percepção dos pais sobre o luto na criança, o presente estudo procurou dar um contributo neste sentido. Assim, a maioria dos pais considerou como perdas mais significativas para a criança a “morte do pai ou mãe”, “morte do avô ou avó”, “doença grave do pai/mãe”, entre outros, mas não

considerou a perda de um objeto estimado e uma situação de catástrofe natural como uma perda significativa.

A maioria dos pais mostrou-se capaz de identificar os principais sinais físicos, emocionais, comportamentais e psicológicos inerentes ao processo de luto e referenciados pela literatura da área. Os pais consideraram também relevante que as crianças vivenciem o processo de perda/luto no seio da família, mas não consideram relevante que estas participem nas conversas familiares sobre o assunto e nos rituais fúnebres.

Verificou-se também que a maioria dos participantes experienciou uma situação de luto após o nascimento dos seus filhos e que consideraram que os filhos não foram afetados durante esse processo. Revelaram também não terem sentido dificuldades em lidar com os filhos aquando de uma perda. Importa ainda referir que as maiores dificuldades sentidas pelos pais ao abordar este tema são a pouca informação sobre o tema do luto, dificuldades em compreender o(s) seu(s) filho(s), entre outras.

Relativamente às variáveis sociodemográficas, nomeadamente, o sexo, habilitações literárias e profissão, não se verificou uma associação entre estas e a percepção dos pais sobre o luto na infância.

A maioria dos participantes evidenciou uma boa percepção do funcionamento familiar, no entanto, não se verificou uma relação entre este e a percepção dos pais sobre o luto infantil. Importa ainda referir que os pais e as mães evidenciaram percepções e opiniões semelhantes sobre o luto na infância.

Fazendo o balanço da realização deste estudo, verificaram-se algumas limitações. Uma delas prendeu-se com a reduzida dimensão da amostra. Uma amostra mais alargada poderia permitir recolher mais informações sobre este tema e possibilitaria uma melhor compreensão do mesmo. Outra das limitações poderá estar relacionada com os procedimentos adotados, pois como se recorreu ao método “bola de neve” os instrumentos não foram entregues directamente à maioria dos participantes, o que poderá ter limitado o tamanho da amostra. Um outro aspeto que importa salientar, e que constituiu também uma limitação, foi a não existência de um instrumento construído com o propósito de avaliar a percepção que os pais têm sobre o luto infantil. Por fim, importa ainda referir que parecem existir poucos dados empíricos sobre a maneira como os pais costumam lidar com a perda e luto dos seus filhos, pois a maior parte dos estudos encontrados não abordam como estes encaram este processo na faixa etária em estudo.

Relativamente à possibilidade de futuros estudos nesta área, seria interessante alargar esta investigação a uma amostra composta apenas por pais a experienciarem uma situação de

luto, de modo a perceber se existe uma diferença significativa entre a sua opinião e a de pais que não estejam a passar por esse processo. Considera-se também pertinente efetuar futuras investigações em relação a questões relacionadas com as perdas simbólicas, pois muitos dos pais não as consideraram como perdas significativas para a criança, sendo então importante compreender algumas das suas crenças. Seria também interessante fazer uma correlação entre a idade dos pais e a forma como encaram o processo de perda e luto nas crianças, como lidam com o mesmo e quais as dificuldades sentidas.

Numa futura investigação seria relevante procurar utilizar uma amostra de maior dimensão, e que inclua pais de crianças de outras faixas etárias, de forma a verificar, por exemplo, se as perceções e as dificuldades sentidas pelos pais de crianças entre os 6 e os 12 anos são transversais a todos os pais. Considera-se também fundamental que se realizem mais ações de formação para os pais sobre esta temática em particular, pois é essencial sensibilizá-los e prepará-los para melhor lidarem com o seu processo de perda e, conseqüentemente, com o dos seus filhos.

Bibliografia

- Akerman, R. & Statham, J. (2011). Childhood bereavement: A rapid literature review. Childhood Wellbeing Research Centre. Loughborough University. United Kingdom.
- Akerman, R. & Statham, J. (2014). Bereavement in childhood: The impact on psychological and educational outcomes and the effectiveness of support services. Childhood Wellbeing Research Centre. Loughborough University. United Kingdom.
- American Psychological Association. (2010). Publication manual of the American Psychological Association. Washington (DC): APA.
- Andrade, M. (2013). Depois do temporal: um estudo psicodinâmico sobre a criança enlutada e seus pais (dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Almeida, F. (2005). Lidando com a morte e o luto por meio do brincar: A criança com cancro no hospital. *Boletim de Psicologia*, *LV*(123), 149-167.
- Aloka, P., Odanga, S. & Raburu, P. (2015). Influence of gender on teachers's self-efficacy in secondary schools of Kisumu County, Kenya. *Academic Journal of Interdisciplinary Studies*, *4*(3), 189-198.
- Assayag, R., Figueira, I., Hayasida, N., & Matos, M. (2014). Morte e luto: competências dos profissionais. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, *10*(2), 112-121.
- Bonanno, G., Westphal, M. & Mancini, A. (2011). Resilience to loss and potencial Trauma. *Annu. Rev. Clin. Psychol*, *7*(1), 1-25. doi: 10.1146/annurev-clinpsy-032210-104526
- Bowen, M. (1976). Family Reaction to Death. In Jason Aronson (Ed.), *Family therapy in clinical practice* (321-336). Oxford, OX: Rowman & Littlefield Publishers.
- Bowlby, J. (1998). *Perda: Tristeza e depressão*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bowlby-West, L. (1983). The impact of death on the family system. *Journal of family therapy*, *5*(1), 279-294.
- Bromberg, M. (1996). Luto: A morte do outro em si. In A. Guntert (Ed.), *Vida e morte: Laços da existência* (pp. 99-120). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Brun, D. (2003). A relação da criança com a morte: Paradoxos de um sofrimento. *Psychê*, *VII*(12), 13-25.
- Buglass. E. (2010). Grief and bereavement theories. *Nursing Standard*, *24*(41), 44-47.
- Canavarro, M. (2004). Vinculação, perda e luto: Implicações clínicas. *Psicologica*, *35*(1), 35-47.
- Ceka, A. & Murati, R. (2016). The role of parents in the education of children. *Journal of Education and Practice*, *7*(5), 61-64.

- Cerel, J., Fristad, M., Goldman, M., Weller, E. & Weller, R. (2001). The role of rituals in children's bereavement. *Omega*, 42(4), 321-339.
- Cover, D. (2015). Good Grief. Disponível em: http://www.law.nyu.edu/sites/default/files/upload_documents/Danielle%20Cover%20-%20Good%20Grief.pdf
- Coutinho, E. & Figueira, I. (2013). Atendimento psicológico às vítimas de catástrofes: Estamos fazendo bem? *Caderno de Saúde Pública*, 29(8), 1488-1490.
- Delalibera, M., Presa, J., Coelho, A., Barbosa, A. & Franco, M. (2015). Family dynamics during the grieving process: a systematic literature review. *Ciência & Saúde Coletiva*, 20(4), 1119-1134.
- Dias, J. (2015). Fatores de risco no desenvolvimento de um luto complicado em familiares cuidadores de doentes oncológicos (dissertação de Mestrado). Universidade Católica, Porto, Portugal.
- Duarte, V. (2015). A percepção do luto infantil nos contextos educacional e familiar (dissertação de Mestrado). Universidade da Madeira, Portugal.
- Dyregrov, A. (1996). Children's participation in rituals. *Bereavement Care*, 15(1), 2-4.
- Dyregrov, A. & Dyregrov, K. (2013). Complicated grief in children – The perspectives of experienced professionals. *Omega*, 67(3), 291-303.
- Ermisch, J. & Pronzato, C. (2010). Causal effects of parents education on children's education. *Institute for Social & Economic Research*, 2010(16), 1-25.
- Engarhos, P., Talwar, V., Schleifer, M. & Renaud, S. (2013). Teacher's attitudes and experiences regarding death education in the classroom. *Alberta Journal of Educational Research*, 59(1), 126-128.
- Feliú, X. (2009). Enfrentado a morte: A experiência de luto em famílias de doadores de órgãos e tecidos (monografia de Curso). Instituto de Psicologia de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Franco, M. & Mazorra, L. (2007). Criança e luto: Vivências fantasmáticas diante da morte do genitor. *Estudos de Psicologia*, 24(4), 503-511.
- Franco, M. & Tinoco, V. (2011). O luto em instituições de abrigo de crianças. *Estudos de Psicologia*, 28(4), 427-434.
- Gabriel, M. & Dias, A. (2011). Percepções sobre a parentalidade: Descrevendo a si mesmo e o próprio pai como pai. *Estudos de Psicologia*, 16 (3), 253-261.
- Geronimo, D. (2016). O luto infantil: Um estudo sobre a influência escolar (trabalho conclusão de Curso). Universidade Estadual de Maringá, Rio de Janeiro, Brasil.

- Gomes, A. (2006). A importância da resiliência na (re)construção das famílias com filhos portadores de deficiência. *Revista Saber (e) Educar*, 11(1), 49-71.
- Gomes, L. & Gonçalves, J. (2015). Processo de luto: a importância do diagnóstico diferencial na prática clínica. *Revista de Ciências Humanas*, 49(2), 118-139. doi: <http://dx.doi.org/10.5007/2178-4582.2015v49n2p118>
- Gómez, M. & Hernández, A. (2009). Cuadros depresivos en la fase aguda del ictus isquémico: Una reacción de duelo? *Revista de la Asociación Española de Neuropsiquiatría*, XXIX(104), 371-381.
- Gomide, P. (2009). A influência da profissão no estilo parental materno percebido pelos filhos. *Estudos de Psicologia*, 26(1), 25-34.
- Goulart, L., Somarriba, M. & Xavier, C. (2005). A perspectiva das mães sobre o óbito infantil: Uma investigação além dos números. *Cadernos Saúde Pública*, 21(3), 715-723.
- Graydon, K., Jimerson, S. & Fischer, E. (2010). Death and grief in the family: Providing support at school. *National Association of School Psychologists*, 9(6), 1-3.
- Gibson, M. (2010). Death and the transformation of objects and their value. Griffith university. *Thesis Eleven*, 103(1), 54-64.
- Habekoste, A. & Areosa, S. (2011). O luto inesperado. IV Jornada de Pesquisa em Psicologia – Desafios atuais nas práticas de psicologia. Disponível em http://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/jornada_psicologia/article/view/10197
- Hayslip, B. & Kaminski, P. (2005). Grandparents raising their grandchildren: A review of the literature and suggestions for practice. *The gerontologist*, 45(2), 262-269.
- Hispanhol, I. & Marras, C. (2015). O processo de luto em populações de risco. *Anais da V Jornada de Psicologia no Hospital Municipal do Campo Limpo*, 1(6), 10-18.
- Kissane, D., Mckenzie, M., Bloch, S., Moskowitz, C., Mckenzie, D. & O'Neill, I. (2006). Family focused grief therapy: A randomized, controlled trial in palliative care and bereavement. *American Journal of Psychiatry*, 163(1), 1208-1218.
- Klass, D. (2014). Grief, consolation, and religions: A conceptual Framework. *Omega*, 69(1), 1-18.
- Klein, M. (1940). Mourning and its relation to manic-depressive states. *International Journal of Psycho-Analysis*, XVI(21), 125-153.
- Klein, M. (1991). Mourning: Its relation to pastoral care. *Journal of Religion and Health*, 30(3), 237-238.

- Kovács, M. J. (2011). Instituições de saúde e a morte: Do interdito à comunicação. *Revista Psicologia Ciência e Profissão*, 31(3),482-503. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932011000300005>
- Kovács, M. J. (2015). Morte no processo do desenvolvimento humano. A criança e o adolescente diante da morte. In: J. M. Kovács (Ed.), *Morte e Desenvolvimento Humano* (pp. 49-59). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Krepia, M., Krepia, V. & Tsilingiri, M. (2017). School children's perception of the concept of death. *International Journal of Caring Sciences*, 10(3), 1-6.
- Kubler-Ross, E. (1993). *La muerte y los moribundos*. 5ª edição. Barcelona: Ediciones Grijalbo
- Kuczynski, E. (2014). Suicídio na infância e adolescência. *Psicologia USP*, 25(3), 246-252.
- Leal, P. (2011). *Perda e luto em contexto educativo: Perspectivas dos docentes no 1º ciclo do ensino básico* (Tese de Mestrado não publicada). Universidade da Madeira, Portugal.
- Leandro, J. & Freitas, P. (2015). Luto Infantil: A vivência diante da perda de um dos pais. *Revista UNINGÁ*, 46(1), 69-75.
- Lima, V. & Kóvacs, M. (2011). Morte na família: Um estudo exploratório acerca da comunicação à criança. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 31(2), 390-405.
- Lima, V. (2007). Morte na família: Um estudo exploratório acerca da comunicação à criança (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Lopéz, H. (2015). Entendemos los adultos el duelo de los niños? *Acta pediátrica España*, 73(2), 27-32.
- Marcelli, D. (2002). Os estados depressivos na adolescência. Lisboa: Climepsi Editores
- Martins, C. (2011). Manual de análise de dados quantitativos com recurso ao IBM SPSS: saber decidir, fazer, interpretar e redigir. Braga: Psiquilibrios.
- Matias, M., Silva, A. & Fontaine, A. (2011). Conciliação de papéis e parentalidade: efeitos de género e estatuto parental. *Revista Exedra*, 5(1), 57-76.
- Mazorra, L. & Tinoco, V. (2005). Luto na Infância: Intervenções Psicológicas em Diferentes Contextos. 1ª Edição. Campinas: Livro Pleno.
- Mello, A. & Baseggio, D. (2013). Infância e morte: Um estudo acerca da percepção das crianças sobre o fim da vida. *Revista de Psicologia da IMED*, 5(1), 23-31.
- Mentone, F. (2007). A psicose desencadeada por um luto infantil mal elaborado (Trabalho de conclusão de curso). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, Brasil.
- Melo, R. (2004). O processo de Luto: O inevitável percurso face à inevitabilidade da morte. Disponível em: <http://tutorado.unidades.tecnico.ulisboa.pt/files/sites/40/Luto.pdf>

- Menheere, A. & Hooge, E. (2010). Parental involvement in children's education: A review study about the effect of parental involvement on children's school education with a focus on the position of illiterate parents. *Journal of the European Teacher Education Network*, 6(1), 144-157.
- Miraglia, E. (2012). Toward an understanding of childhood bereavement: An exploratory study. Tese de Mestrado não publicada. Universidade de Guelph Humber, Canada.
- Mota, M. (2008). O luto em adolescentes pela morte do pai: Risco e prevenção para a saúde mental (dissertação de Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Moura, C. (2006). Uma avaliação da vivência do luto conforme o modo de morte (dissertação de Mestrado). Universidade de Brasília, Goiás, Brasil.
- Murray, J. (2005). Understanding Loss and Grief. Disponível em: <http://www.chaplaincyacademy.com/files/Judith%20Murray%20%20acad%20version%20pdf.pdf>
- Murray, C., Toth, K. & Clinkinbeard, S. (2005). Death, Dying and Grief in Families. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/238724926_Death_Dying_and_Grief_in_Families
- Neria, Y. & Shultz, J. (2013). Trauma signature analysis: State of the art and evolving future directions. *Disaster Health*, 1(1), 1-5.
- Nunes, D., Carraro, L., Jou, G., & Sperb, T. (1998). As crianças e o conceito de morte. *Psicologia: reflexão e crítica*, 11(3), 579-590.
- O'leary, J. & Gaziano, C. (2011). Sibling grief after perinatal loss. *Journal of prenatal and perinatal psychology and health*, 25(3), 173-193.
- Oliveira, M., Luginger, S., Bernardo, A. & Brito, M. (2004). Morte – Intervenção psicológica junto da família do paciente terminal. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0017.PDF>
- Paiva, L. (2011). A arte de falar da morte para crianças: A literatura infantil como recurso para abordar a morte com crianças e educadores. Aparecida, São Paulo: Editora Ideias & Letras.
- Parkes, C. M. (1998). Luto: Estudos sobre a perda na vida adulta. São Paulo: Summus editorial.
- Pereira, C., Bruno, R., Duarte, R. & Matos, M. (2015). O processo de luto inerente à morte da infância à velhice. *Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente*, 5(2), 31-42.

- Pinto, A., Silva, A., Arantes, A., Cunha, A., Nascimento, A., Américo, D., Andrade, B., Kira, C., Sera, C., Burlá, C., Naylor, C., Matsumoto, D., Azevedo, D., Forte, D., Genezini, D., Franck, E., Fernandes, E., Aitken, E., Azevedo, E., Aires, E., Chino, F., Minson, F., Firmino, F., Parsons, H., Melo, I., Pereira, I., Oliveira, I., Garcia, J., Siqueira, J., Torres, J., Júnior, J., Siqueira, J., Fripp, J., Taquemori, L., Pessini, L., Consolim, L., Andrade, L., Júnior, L., Jorge, L., Nunes, L., Cabral, L., Saporetti, L., Rodrigues, L., Sachs, M., Barbosa, M., Maciel, M., Silva, M., Othero, M., Cardoso, M., Manna, M., Araújo, M., Camarão, R., Carvalho, R., Guimarães, R., Pinto, R., Bettega, R., Yasukawa, S., Krasilcic, S., Barbosa, S., Jales, S., Guimarães, S., Reis, T., Chiba, T., Hatanaka, V. (2009). Manual de cuidados paliativos: Academia Nacional de Cuidados Paliativos. Rio de Janeiro: Diagraphic.
- Prestes, V., Lima, N. & Oliveira, A. (2010). Processo de luto infantil: Um estudo de caso. V Mostra Interna de Trabalhos de Iniciação Científica. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/164647810/Vivian-Rafaella-Prestes>.
- Ramos, S. (2015). O luto fraterno durante a infância e adolescência: Revisão integrativa da literatura. *Pensar enfermagem*, 19(2), 3-17.
- Ramos, V. (2016). O processo de Luto. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1021.pdf>
- Reimers, E. (1999). Death and identity: Graves and funerals as culture communication. *Mortality*, 4(2), 147-166.
- Rijo, D. (2004). Temas críticos do luto patológico: diagnóstico, modelos e intervenção terapêutica. *Revista da Faculdade de Psicologia da Universidade de Coimbra*, 35(1), 49- 67
- Rodrigues, K. (2010, 9 de Novembro). Luto infantil: Conceito, compreensão e elaboração da morte para as crianças. Disponível em: <http://www.profala.com/artpsico111.htm>
- Salvagni, A., Savegnago, S., Gonçalves, J., Quintana, A., Beck, C. (2013). Reflexões acerca da abordagem da morte com crianças. *Revista Mudanças – Psicologia da Saúde*, 21(2), 48-55.
- Sassi, F. (2014). Possíveis contribuições do aconselhamento psicológico desenvolvido durante o ritual fúnebre aos enlutados (Trabalho conclusão de Curso). Universidade de Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil.
- Santos, E. & Sales, C. (2011). Familiares Enlutados: Compreensão fenomenológica existencial de suas vivências. *Texto Contexto Enfermagem*, 20(1), 214-222.

- Schoen, A., Borgoyne, M. & Schoen, S. (2013). Are the developmental needs of children in america adequately addressed during the grief process. *Journal of Instructional Psychology*, 31(2), 143-148.
- Schoenfeld, J. & Demaria, T. (2015). Providing psychosocial support to children and families in the aftermath of disasters and crises. *American Academy of Pediatrics*, 136(4), 1120-1130.
- Seibel, B., Falceto, O., Hollist, C., Springer, P., Fernandes, C. & Koller, S. (2017). Rede de apoio social e funcionamento familiar: Estudo longitudinal sobre famílias em vulnerabilidade social. *Pensando Famílias*, 21(1), 120-136.
- Silva, M., Ferreira-Alves, J. (2012). Bereavement in older adults: Individual challenge and contextual variables in different models. *Psychology*, 25(1), 588-595.
- Silva, M. (2004). Processos de luto e educação. Dissertação de mestrado não publicada. Universidade do Minho, Portugal
- Silva, P. & Melo, S. (2013). Experiência materna de perda de um filho com câncer infantil: Um estudo fenomenológico. *Revista de Abordagem Gestáltica*, XIX(2), 147-156.
- Silverman, P. R. & Weiner, A. (1995). Parent-child communication in bereaved Israeli families. *Omega*, 31(1), 275-293.
- Sordi, A., Manfro, G. & Hauck, S. (2011). O conceito de resiliência: Diferentes olhares. *Revista Brasileira de Psicoterapia*, 13(2), 115-132.
- Sousa, G., Santos, M., Silva, A., Perrelli, J. & Sougey, E. (2017). Suicide in childhood: A literature review. *Ciência & Saúde Colectiva*, 22(9), 3099-3110.
- Souza, M., Zwolinski, R. & Glidden, R. (2017). Percepção e Estratégias de Equipas Pedagógicas em Relação ao Luto de Alunos dos Anos Iniciais. *Revista Educação em Perspectiva*, 6(2), 1-21.
- Stroebe, M. & Schut, H. (1999). The Dual Process Model of Coping with bereavement: rational and description. *Death Studies*, 23(3), 197-222.
- Stroebe, M. & Schut, H. (1999). The social context of grief and grieving. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/46593943_The_social_context_of_grief_and_grieving.
- Stroebe, M., Schut, H. & Boerner, K. (2010). Continuing bonds in adaptation to bereavement: Toward theoretical integration. *Clinical Psychology Review*, 30(1), 259-268
- Stroebe, W., Zech, E., Stroebe, M. & Abakoumkin, G. (2005). Does social support help in bereavement. *Journal of social and clinical psychology*, 24(7), 1030-1050.

- Teixeira, C. (2003). A criança diante da morte. *Revista da Universidade Federal de Goiás*, 1(1), 7-8.
- Torres, W. (1979). O tabu frente ao problema da morte. *Arquivo Brasileiro de Psicologia*, 31(1), 53-62.
- Torres, W. (1979). O conceito de morte na criança. *Arquivo Brasileiro de Psicologia*, 31(4), 9-34.
- Torres, W. (2002). O conceito de morte em crianças portadoras de doenças crônicas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 18(2), 221-229.
- Traylor, E., Hayslip, B., Kaminski, P. & York, C. (2003). Relationships between grief and family system characteristics: a cross lagged longitudinal analysis. *Death -Studies*, 27(1), 575-601.
- Valduga, E. & Hoch, V. (2012). Um olhar sobre os familiares cuidadores de pacientes terminais. *Unoesc & Ciência*, 3(1), 15-32.
- Vendruscolo, J. (2005). Visão da criança sobre a morte. *Medicina*, 38(1), 26-33.
- Vieira, M. & Lima, R. (2002). Crianças e adolescentes com doença crônica: Convivendo com mudanças. *Revista Latino-am Enfermagem*, 10(4), 552-560.
- Vilaça, M., Silva, J. & Relvas, A. (2017). Systemic clinical outcome routine evaluation. In Imprensa da Universidade de Coimbra (Ed), *Avaliação familiar: Funcionamento e intervenção* (pp 23-43). Coimbra: Novas Soluções Gráficas.
- Wall, K., Cunha, V., Atalaia, S., Rodrigues, L., Correia, R., Correia, S., Rosa, R. (2016). Livro branco homens e igualdade de género em Portugal. Instituto de ciências sociais da universidade de Lisboa. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação e Ciência.
- Walsh, F. & McGoldrick, M. (1998). A family systems perspective on loss, recovery and resilience. In P. Sutcliffe et al. (Ed.), *Working with the Dying and Bereaved* (pp. 1-26). New York, NY: Routledge.
- Walsh, F. & McGoldrick, M. (2013). Bereavement: A familie life cycle perspective. *Family Science*, 4(1), 20-27.
- Weintraub, A., Noal, D., Vicente, L. & Knobloch, F. (2014). Atuação do Psicólogo em Situações de Desastre: Reflexões a partir da práxis. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141432832015000200287&script=sci_abstract&lng=pt
- Worden, J. (2009). Grief counseling and grief therapy: A handbook for the mental health practitioner. New York: Springer Publishing Company.

- Yunes, M. (2003). Psicologia positiva e resiliência: O foco no indivíduo e na família. *Psicologia em Estudo*, 8(1), 75-84.
- Znoj, H. (2005). Bereavement and posttraumatic growth. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/242469397_Bereavement_and_Posttraumatic_Growth

ANEXOS

Anexo 1- Declaração de Consentimento Informado

Caro senhor(a)

No âmbito do curso de Mestrado em Psicologia da Educação, a realizar na Universidade da Madeira, estou a fazer um estudo com o tema “*O luto infantil na perspetiva dos pais*”. O referido estudo tem como principais objetivos analisar quais as perceções e opiniões dos pais sobre o luto infantil, identificar variáveis associadas à perceção de luto dos pais, nomeadamente o funcionamento familiar, e analisar se os membros do par parental têm uma visão semelhante, ou não, do luto nas crianças. Esta investigação não apresenta riscos ou qualquer consequência negativa para os pais e respetivos filhos.

Asseguro que será mantida a confidencialidade e total anonimato dos seus dados, pois assumo como minha obrigação e dever a manutenção do sigilo profissional.

Assim:

- Afirmando que os procedimentos relativamente à investigação foram clarificados e responderam de forma satisfatória às minhas questões.
- Compreendo que no decorrer do estudo tenho o direito de colocar questões ou pedir esclarecimentos adicionais sobre as perguntas colocadas.
- Compreendo as condicionantes ao participar num estudo científico deste género.
- Garantiram-me que todos os dados recolhidos para efeitos do estudo serão mantidos confidenciais e que nenhuma informação que coloque em causa a minha privacidade e identidade será publicada ou comunicada.
- Percebo que posso a qualquer momento abandonar o presente estudo.
- Compreendo que não existem respostas adequadas ou certas às perguntas formuladas.

Data: ___/___/___

Aceito participar no estudo _____

Não aceito participar no estudo _____

Agradeço a vossa colaboração.

Andreia Carina Perregil Mendes

Funchal, 2017

Anexo 2 - Questionário

O luto infantil na perspetiva dos pais:

Este questionário tem como objetivo estudar o luto infantil através da perspetiva dos pais com filhos entre os 6 e os 11 anos e faz parte de uma investigação que está a ser desenvolvida na Universidade da Madeira sob a orientação da Prof. Dra. Maria João Beja.

Convidamo-los (as) a participar nesta investigação através do preenchimento deste questionário que terá uma duração aproximada de 10-15 minutos.

A sua participação é de grande relevância para que possamos conhecer de forma objetiva e abrangente o processo de luto infantil no contexto familiar. É pois, importante que não deixe nenhuma questão por responder.

Realçamos que este estudo é voluntário anónimo e que todos os dados serão totalmente confidenciais e utilizados unicamente para efeitos da investigação.

Pedimos-lhe que após o seu preenchimento, coloca-se o questionário de novo no envelope e o selasse.

Agradecemos desde já a sua disponibilidade e a sua contribuição.

A investigadora
Andreia Mendes

1 – Dados Sociodemográficos

Sexo M F

Idade _____

Estado Civil _____

Habilitações literárias _____

Profissão _____

Indique a idade e sexo dos seus filhos:

F1. idade _____ sexo _____

F2. idade _____ sexo _____

F3. idade _____ sexo _____

F4. idade _____ sexo _____

F5. idade _____ sexo _____

2 – Perdas e lutos na infância

Indique as situações que constituem, na sua opinião, possíveis perdas significativas para uma criança (assinale todas as opções que correspondem à sua opinião):

- a) Morte do pai ou mãe
- b) Morte do avô ou avó
- c) Morte de um irmão
- d) Morte de alguém afetivamente próximo
- e) Separação física de alguém significativo
- f) Perda de um objeto estimado

- g) Perda de um animal de estimação
- h) Doença grave ou crónica da criança
- i) Doença terminal da criança
- j) Doença grave do pai ou mãe
- k) Situações de catástrofes naturais
- l) Outros _____

Indique os sintomas físicos que podem encontrar numa criança quando vivencia um processo de luto:

- a) Vazio no estômago
- b) Aperto no peito
- c) Nó na garganta
- d) Hipersensibilidade
- e) Fraqueza muscular
- f) Falta de energia
- g) Perda de apetite
- h) Insónia
- i) Fadiga
- j) Outros _____

Indique os sinais emocionais, comportamentais e psicológicos que pode encontrar numa criança a vivenciar o luto?

- a) Tristeza
- b) Isolamento
- c) Revolta
- d) Diminuição do rendimento escolar
- e) Agressividade
- f) Irritabilidade
- g) Ataques de choro associados a lembranças da pessoa falecida
- h) Ansiedade
- i) Ideias de acabar com a própria vida
- j) Dificuldades no pensamento e concentração
- k) Outros _____

Na sua opinião, considera que:

- a) As reações à perda variam de criança para criança?

Sim Não Não Sei

b) As reacções à perda variam de acordo com a personalidade da criança?

Sim Não Não Sei

c) As reacções à perda dependem da fase do desenvolvimento em que se encontra a criança?

Sim Não Não Sei

d) As reacções à perda variam de acordo com género da criança?

Sim Não Não Sei

e) As reacções das crianças à perda diferem das dos adultos?

Sim Não Não Sei

f) As reacções das crianças dependem da perda em si?

Sim Não Não Sei

g) Depende das vivências de perdas em contexto familiar?

Sim Não Não Sei

3 – Abordagem familiar às perdas e luto

Experienciou alguma (s) situação (s) de luto após o nascimento do (s) seu (s) Filhos (s)?

Sim Não Não Sei

Se **sim**, acha que o seu (s) filho (s) foi afectado (s) durante este processo?

Sim Não Não Sei

Numa situação concreta sente-se capaz de identificar os sinais e sintomas associados ao luto no seu filho?

Sim Não Não Sei

Acha importante que as crianças vivenciem o processo de perda/luto no seio familiar?

Sim Não Não Sei

Acha importante que a criança participe nos rituais fúnebres ou esteja presente nas conversas familiares sobre o assunto, caso a criança assim o queira?

Sim Não Não Sei

Acha relevante levar a criança a uma consulta de psicologia aquando da vivência de uma perda significativa?

Sim Não Não Sei

Se **sim**, diga porquê:

Costuma falar com os seu (s) filho(s) sobre o tema das perdas e do luto, quando o assunto ou o acontecimento o proporciona?

Sim Não Não Sei

Caso a resposta seja **não**, refira o porquê?

Considera que é importante preparar o(s) seu(s) filho(s) para uma perda?

Sim Não Não Sei

Se respondeu **sim**, refira porque acha importante?

4 – Preocupações e dificuldades:

Já houve situações em que sentiu dificuldade em lidar com o(s) seu(s) filho(s) aquando de uma perda?

Sim Não Não Sei

Se sim, quais foram essas dificuldades?

- a) Dificuldades em abordar ou tratar destes assuntos relacionados com perdas e mortes
- b) Pouca informação sobre o tema do luto infantil

- c) Dificuldades pessoais em lidar com o processo de perda
- d) Dificuldades em abordar o(s) filho(s)
- e) Dificuldades em lidar com os comportamentos e reações do (s) filho (s)
- f) Dificuldades em compreender o (s) seu (s) filho (s)
- g) Recusa do(s) seu(s) filho(s) em falar sobre o assunto
- h) Outros _____

Anexo 3 - SCORE-15

(P. Stratton, J. Bland, E. Janes & J. Lask, 2010)

CÓDIGO:

Traduzido por A. P. Relvas, M. Vilaça, L. Sotero, D. Cunha & A. Portugal, 2010

Solicitamos que nos descreva a forma como vê a sua família neste momento. Por isso, pedimos-lhe a SUA opinião sobre a sua família.

Quando dizemos “a sua família” referimo-nos às pessoas que vivem em sua casa. Neste sentido, pedimos que reflita sobre a família que irá descrever antes de começar o preenchimento.

Para cada item coloque um visto (√) apenas num dos quadrados numerados de 1 a 5.

Se a frase “Estamos sempre a discutir entre nós” não caracteriza adequadamente a sua família, deverá responder com visto (√) no quadrado 4, que diz respeito à resposta “Descreve-nos: Mal”.

1	2	3	4	5
			√	

Evite refletir aprofundadamente acerca da resposta, mas procure responder a todas as questões apresentadas.

Como diria que cada afirmação <u>descreve a sua família?</u>	1. Muito bem	2. Bem	3. Em parte	4. Mal	5. Muito mal
1) Na minha família, falamos uns com os outros sobre coisas que têm interesse para nós					
2) Na minha família muitas vezes não se diz a verdade uns aos outros					
3) Todos nós somos ouvidos na nossa família					
4) Sinto que é arriscado discordar na nossa família					
5) Sentimos que é difícil enfrentar os problemas do dia-a-dia					
6) Confiamos uns nos outros					
7) Sentimo-nos muito infelizes na nossa família					
8) Na minha família, quando as pessoas se zangam, ignoram-se intencionalmente					
9) Na minha família parece que surgem crises umas atrás das outras					
10) Quando um de nós está aborrecido/perturbado é apoiado pela família					
11) As coisas parecem correr sempre mal para a minha família					
12) As pessoas da minha família são desagradáveis umas com as outras					
13) Na minha família as pessoas interferem demasiado na vida umas das outras					
14) Na minha família culpamo-nos uns aos outros quando as coisas correm mal					
15) Somos bons a encontrar novas formas de lidar com as dificuldades					

